A VISITA DA VELHA SENHORA

FRIEDRICH DÜRRENMATT

A cidade inteira vive mergulhada no marasmo e na ignorância. Homens, mulheres e crianças convivem com a decadência e a miséria. Um silêncio fantasmagórico envolve a pequena estação, onde qualquer tipo de aparato foi eliminado: há muito tempo os trens não param em Gullen, pequena cidade da Europa central arrasada por violenta crise econômica.

Um dia, porém, a arruinada estação é tomada por movimentação incomum. Todos se preparam para receber Clara Zahanassian, velha e milionária senhora, dona de vasto império econômico que inclui a Armenian Oil, a Western Railway, a North Broadcasting Company e o bairro dos cabarés de Hong Kong. Um homem, vestido miseravelmente, pinta uma faixa com tinta vermelha: "Bem-vinda Clarinha". Clara Zahanassian é a última esperança para Gullen. Somente ela poderá salvar a cidade da derrocada final.

Clara nasceu em Gullen. Aos dezessete anos apaixonou-se perdidamente por um jovem ambicioso, Alfred Schill. Grávida, exigiu justiça para si e para o filho que ia ter. Alfred e todos os homens "honestos" da cidade, porém, envolveram-na num processo humilhante, ao fim do qual ela acabou sendo expulsa.

Obrigada a sair da cidade, Clara tornou-se prostituta e, depois, esposa de um milionário (Zahanassian). "O mundo fez de mim uma mulher da vida e eu quero fazer dele um bordel." Nesta frase, a chave da trágica personalidade de Clara.

O que trouxe Clara novamente a Gullen não foi a vontade de rever sua cidade natal, mas a firme deliberação de vingar-se da injustiça de que foi vítima na mocidade. Sim, ela ajudará a cidade a se recompor. Mas sua ajuda tem um alto preço: um bilhão à moribunda Gullen em troca da cabeça de Alfred Schill. A cidade inteira é abalada pela proposta.

Além de constituir uma tragédia do ressentimento, um admirável estudo de psicologia social e uma desenfreada sátira ao poder do dinheiro, *A Visita da Velha Senhora*, texto dramático do suíço Friedrich Dürrenmatt, é uma síntese apreciável das tendências artísticas atuais.

"UM PROTESTANTE QUE PROTESTA"

Friedrieh Dürrenmatt nasceu na Suíça, a 5 de janeiro de 1921, na cidade de Konolfingen (cantão de Berna). Filho de um pastor protestante, na escola não foi senão um estudante medíocre. Passava a maior parte do tempo pintando e desenhando, e sua família esperava que ele se transformasse num verdadeiro artista plástico.

Dürrenmatt gostava particularmente de pintar cenas de batalhas e episódios relativos à história suíça, e, por volta dos doze anos, chegou a receber um prêmio por uma dessas séries históricas: um relógio oferecido pelo calendário Pestalozzi.

Contratado para ensinar o pequeno Friedrich, Cuno Amiet (1868-1961), pintor bastante conceituado na Suíça, examinou silenciosamente os trabalhos do jovem e, ao final, apenas observou:

"O guri tem vocação para coronel". Foi uma grande decepção para Dürrenmatt e

sua família.

Entretanto, apesar do rigoroso julgamento de Amiet, o rapaz continuou a pintar. Muitos anos depois, quando Dürrenmatt já tinha se tornado um importante dramaturgo, ainda fazia questão de ilustrar suas peças.

Em 1934 mudou-se para Berna, onde concluiu o curso secundário. Sete anos depois decidiu partir para Zurique, onde estudou teologia, filosofia, literatura alemã e ciências naturais. Sua determinação em tornar-se pintor ainda era bastante forte. De início, desejou dedicar-se à cenografia, porém depois resolveu tornar-se escritor. Mais por necessidade do que por alguma vontade especial. "Considero as letras uma profissão, a minha profissão. Fui obrigado a escrever muita coisa porque precisava ganhar dinheiro para manter minha família, romances policiais e peças radiofônicas."

Dürrenmatt escreveu até *sketches* para shows em cabarés, mas foi por intermédio do radioteatro (considerado uma tradição de qualidade nos países de língua alemã) que deu os primeiros passos decisivos em direção à dramaturgia.

Longe de transformá-lo num mero comerciante de textos, a variedade de trabalhos que escreveu para o rádio, na luta pela sobrevivência, deu-lhe grande maturidade profissional. Dürrenmatt sabia que o rádio lhe ensinara muitas coisas e era um poderoso veículo de comunicação. Essa certeza fez com que voltasse, de tempos em tempos, a escrever radiopeças, mesmo quando já havia se tornado um dramaturgo conhecido em todo o mundo.

O Processo pela Sombra do Burro (1951), *Palestra Noturna com um Homem Desprezado* (1952)**,** *Hércules e o Estábulo de Augio* (1954), *O Empreendimento de Wega* (1955)**,** *Crepúsculo no Fim de Outono* (1957) *e A Pane* (1962) são algumas das obras mais notáveis que escreveu para o rádio. *Hércules e o Estábulo de Augio* e *A Pane,* também publicadas em forma de conto, receberam adaptação para o teatro, com grande sucesso.

Curiosamente, a estréia de Dürrenmatt no palco não foi auspiciosa. *Está Escrito (Es Steht Geschriebén),* sua primeira peça, um drama sobre os anabatistas, foi levada à cena em abril de 1947 no Shauspielhaus de Zurique, com péssima acolhida do público e da crítica. *Está Escrito* era acompanhada por uma observação do autor: "Julgamos do nosso dever informar que o autor desta duvidosa e, pelo prisma histórico, até descarada paródia do anabatismo não passa de um protestante desarraigado, no mais amplo sentido do termo, contaminado pela peste da dúvida, suspeito em relação à fé, que admira, porque a perdeu".

Está Escrito ridicularizava, de forma bastante dramática, uma comunidade alemã do século XVI que se tornara anabatista. A falência do poder e da experiência comunitária estava implícita do começo ao fim do texto, ilustrada na parábola de um comerciante que se desfaz dos seus bens e da própria família para abraçar a nova religião.

Um cidadão pobre e tolo acabaria por receber todas as propriedades do idealista e despojado comerciante, ao tornar-se rei dos anabatistas, mas Dürrenmatt não explicava claramente por que a comunidade havia eleito e

mantido no poder um imbecil. No final, muitas perguntas ficavam no ar, e *Está Escrito* acabou sendo considerada uma alusão ao logro da experiência socialista na Suíça. Naquela oportunidade, Dürrenmatt deixou patente sua posição ideológica, definindo-se neutro e confessando-se um protestante que protesta". "A neutralidade cria a opção de pensar com liberdade. Assim, pode-se criticar sem complacência os dois lados da barricada." São mais do que meras palavras. Não é sequer uma justificativa, porque seu teatro está a serviço de todas as desmistificações".

Dürrenmatt não é um otimista em relação ao gênero humano e não tem nenhuma ilusão sobre o homem. Onde quer que viva, sob que bandeira se esconda, o homem sempre acaba sucumbindo: ao poder, ao dinheiro, às instituições. Uns esmagam, outros são esmagados e a decantada liberdade, proposta em tantas revoluções, não existe. Para Dürrenmatt, a liberdade só pode ser encontrada na arte.

Mas, apesar de tudo, a vida é uma perene tragicomédia. "Apenas a comédia nos convém", diria Dürrenmatt em 1955, numa conferência sobre problemas de teatro. "Em nosso tempo é extremamente cruel imaginar que há culpados ou responsáveis. Todos os homens são inocentes e tudo acontece sem a intervenção de ninguém. A culpa é coletiva e atávica, alguma coisa que foi inexoravelmente herdada através de séculos e gerações. Essa é a nossa sorte e não a nossa culpa. E no fim das contas, todos os homens estão condenados à morte."

Para transpor para o teatro sua amarga visão de mundo, Dürrenmatt escolheu a ironia, o humor agressivo, uma mescla de tragédia e comédia. Nada melhor que o grotesco para jogar com o absurdo da condição humana.

SERIA CÔMICO SE NÃO FOSSE TRÁGICO

Quando o pano de boca se abriu no Stadttheater de Basiléia, na estréia de *Rômulo, o Grande (Romulus der Grosse),* em 1949, um forte odor de detritos de galináceos penetrou na platéia. Em sua segunda peça, Dürrenmatt escolheu como tema a queda do Império Romano e seu último e fictício imperador, que dedicava todo o seu tempo à avicultura.

As galinhas ciscavam e cacarejavam no palco, sobre um cenário que reproduzia um palácio decadente. Rômulo, absorto, alimentava-as e chamava-as por seus nomes, porque as aves tinham recebido a denominação de todos os imperadores romanos que o precederam no poder.

Nos últimos dias de um finado império, seu chefe supremo era um homem extremamente solitário. Com os bárbaros às portas da cidade, cercado pela corrupção e pelo caos, Rômulo só encontrava interesse na avicultura. Em sua simplicidade, ele acreditava que o rumo da história não podia ser mudado e que Roma acabaria porque estava condenada. Inútil, portanto, qualquer tentativa para salvá-la. Resolve esperar Odoacro e seus bárbaros. Sozinho, abandonado pelos súditos e parentes, Rômulo espera morrer com dignidade, consciente de que é um

réu necessário de um império escravocrata. Sua atitude, porém, acaba perdendo todo o caráter heróico, quando ele verifica em Odoacro não o bárbaro cruel, mas um homem simples, aborrecido como poder e que tem a mesma paixão pela avicultura. E como a história prescinde de mártires para prosseguir, Rômulo, poupado pelo invasor, acaba seus dias aposentado mediocremente, como um granjeiro. Odoacro, do mesmo modo que Rômulo, sabia que a história era um grande blefe e que a *Pax Germanica* não seria menos horrível que a *Pax Romana*. Os sacrifícios, portanto, eram inúteis.

O teatro de Dürrenmatt está repleto dessa cética ironia que ataca vigorosamente os mitos históricos, as guerras, o socialismo, o capitalismo, os heróis, as idéias, os sentimentos e as crenças. Definitivamente, Friedrich Dürrenmatt não acredita na ação transformadora do homem.

Mas em nenhuma outra peça Dürrenmatt descreveu uma parábola tão ampla sobre a sociedade quanto em *O Casamento do Senhor Mississipi (Die Ehe des Herr Mississipi)*, que estreou em 1952 no Kammerspiel de Munique.

Nessa peça, todos lutam pela posse de Anastácia, bela e esquiva mulher: o juiz Florestan Mississipi, temível reacionário; Saint-Claude, revolucionário e idealista, empenhado na luta pela transformação da sociedade; Uebelche, aristocrata e intelectual, o único que aceita viver a grande aventura do amor sem pensar em resistir.

Um a um, todos acabam destruídos. De forma assassina e suicida, morrem os reacionários e os revolucionários. Passivamente, morrem os liberais e os humanistas, porque os sentimentos também não têm qualquer força. E a própria Anastácia acaba morrendo, vítima do sr. Mississipi. A vitória cabe a Diego, um oportunista sem escrúpulos, que surgiu dos escombros, sem outro ideal senão o de beneficiar a si mesmo.

A moral da fábula é clara: os que aspiram a transformar o mundo em nome de um ideal acabam sendo suas próprias vítimas. Os oportunistas herdarão a terra.

Um Anjo Vem à Babilônia (Ein Engel Kommt nach Babvlon), outro postulado anárquico sobre a condição humana e o poder, estreou em 1953 no Kammerspiel de Munique. Faria parte de uma trilogia que teria como tema a construção da Torre de Babel — para Dürrenmatt, um empreendimento tão absurdo como tantos outros empreendimentos do nosso tempo. Nessa contraposição entre a opulência e a miséria situam-se as personagens: Akki, um mendigo que vive sob uma ponte, e Nabucodonosor, o rei. Akki resiste à campanha empreendida por Nabucodonosor para extirpar a mendicância do seu reino. Vivendo entre os mais estranhos objetos — parte deles detritos de várias civilizações (sarcófagos, pneus, aparelhos eletrodomésticos) —, Akki resiste à ação "saneadora" do monarca. Nem a intervenção do próprio Nabucodonosor, disfarçado de mendigo, consegue fazê-lo desistir.

Akki, paladino de uma liberdade solitária, recebe de uma entidade celeste que vem à Babilônia, Kurrubi, a graça. E Kurrubi se converte na sua única propriedade, embora acabe sendo seqüestrada e conduzida ao único homem do

reino que parece merecê-la: Nabucodonosor. Mas a entidade celeste torna-se uma figura incômoda no palácio. Os ministros acreditam que, diante do céu que se torna realidade através de Kurrubi, o Estado perde toda a sua aura. Os sacerdotes também a repudiam, porque sua função está ameaçada, e Kurrubi se transforma para todos numa intimidação que pode solapar a segurança e a estabilidade fundamental das instituições. Dessa forma, Akki acaba por receber a graça de volta, e parte com ela para o deserto, onde vai viver, sem heroísmo, sua existência longe dos homens.

Seu gesto não é corajoso. Ele não é mais que a aceitação resignada de uma realidade onde não há a menor possibilidade de ação. Por outro lado, em *Um Anjo Vem à Babilônia,* Dürrenmatt mostra claramente a transitoriedade das instituições e o caráter ridículo e frágil de que se revestem. "Quanto mais perfeito o Estado, mais imbecis os funcionários de que necessita."

Três anos depois, Dürrenmatt escreveria *A Visita da Velha Senhora (Der Besuch der Alten Dame),* onde iria dissecar os temas da corrupção e do poder. Foi a peça que o consagrou mundialmente, levando os críticos mais importantes a considerá-lo uma das maiores personalidades do teatro contemporâneo.

Diziam que Dürrenmatt era o discípulo mais brilhante de Bertolt Brecht (1898-1956), o dramaturgo alemão responsável pela criação de um teatro antiilusionista e corrosivo em seu ataque às instituições burguesas. Na realidade, Dürrenmatt utiliza muitas das técnicas de Brecht, mas é original, principalmente em relação aos objetivos. Como Brecht, Dürrenmatt ataca o dinheiro, os mecanismos de ascensão ao poder, o casamento, o mau uso da tecnologia. Como Brecht, ele se vale de uma proposta antiilusionista de teatro. Como Brecht, ele usa situações históricas longínquas para caracterizar uma situação atual. Mas, ao contrário de Brecht, Dürrenmatt não acredita na ação redentora de qualquer transformação social. Sua preocupação maior dirige-se para o homem, para a condição humana colocada diante de um mundo, que seria cômico se não fosse trágico.

É PROIBIDA A ENTRADA DE HERÓIS

Em 1959**,** Dürrenmatt escreveu *Frank V,* peça musicada que chamou de "ópera de um banco". A partir da análise de uma família de banqueiros, o autor realizou uma autópsia do capitalismo, em alguns momentos hilariante.

Gottfried é o quinto herdeiro e diretor do Banco Frank. Dentro do banco é um perfeito e rígido burocrata, capaz de cometer os crimes mais terríveis em nome da segurança do seu patrimônio. Fora dele, revela-se um sensibilíssimo apreciador das belas-artes. Sua mulher, Otilia, dentro da organização bancária é uma notável e eficientíssima diretora. Fora, uma consumidora inveterada de drogas.

A segurança do capital justifica todos os crimes e roubos, até os serviços de Frieda, uma prostituta profissional, que é paga para seduzir os clientes. Quando o sistema de operações do banco se revelou caduco e pôs em risco a solidez da

empresa, imediatamente os métodos foram mudados. O Banco Frank foi estatizado e poder político e capital deram-se as mãos, instituindo um novo tipo de capitalismo, frio, burocrático, disciplinado e, sobretudo, seguro.

A responsabilidade dos cientistas foi o tema de *Os Físicos (Die Physiker)*, estreada em 1962 (Zurique). Dürrenmatt demonstrava, através de um cientista que se tinha internado voluntariamente num hospício para escapar ao assédio das grandes potências, que as boas intenções nunca serão suficientes para livrar a humanidade dos perigos da ciência a serviço do poder.

Na sua determinação em não entregar seus serviços a mãos que podem destruir muitas vidas, Moibus, o físico, consegue até convencer dois outros cientistas de facções opostas e que haviam se internado no asilo para apoderar-se de suas fórmulas. Para preservar a terra, todos abandonam suas intenções iniciais, assumindo a heróica decisão de permanecer internos como doidos. Proclamam-se doidos, mas livres e físicos — e inocentes. Não imaginam que seu sacrifício será inútil, porque a diretora do sanatório, já de posse de todas as fórmulas dos físicos, iria utiliza-las para montar uma gigantesca organização, capaz de dominar o mundo.

Seria de fato surpreendente se Dürrenmatt terminasse a peça no momento em que os físicos tomaram a heróica decisão de resistir, porque o autor não semeia ilusões, nem costuma seduzir suas platéias com promessas de paz futura.

Através da intervenção inesperada da diretora, solapando as esperanças dos físicos, Dürrenmatt mostra a inocuidade da ação isolada dos homens de ciência: há certas soluções que estão muito além de qualquer moral individual. Fora disso, o que resta é a pretensão bem intencionada e Dürrenmatt sorri tristemente de sua fragilidade e impotência.

Não é gratuito o fato de Dürrenmatt escolher a comédia como meio de expressão dramática. Acredita que ela é a melhor intérprete da miséria humana. Essa contínua oscilação entre o trágico e o cômico é uma das grandes seduções do seu teatro.

Play Strindberg, traduzida no Brasil como *Seria Cômico Se Não Fosse Trágico* (1969), deu oportunidade a Dürrenmatt de se voltar para um dos temas mais antigos da literatura universal: o triângulo amoroso.

A matéria foi tomada de *A Dança da Morte*, peça do sueco August Strindberg (1849-1912), que Dürrenmatt considera insuperável. *Seria Cômico Se Não Fosse Trágico* envolve um casal, Kurt e Alice, e um terceiro personagem, elo definitivo do triângulo: Edgar, o primo que vem de longe e, como um anjo exterminador, precipita a crise conjugal.

Dürrenmatt não faz a menor concessão ao melodrama. A ação se desenvolve entre os três, apresentando uma luta de posições em constante dinâmica. Ao final, todos retornam exatamente às posições iniciais. Edgar, o árbitro da crise do casal, decide não envolver-se, pensando pragmaticamente: se a vida não é fácil no mundo das altas finanças, por que o seria num casamento? E a peça termina com Alice e Kurt irredutivelmente condenados um ao outro. Não é sem razão que

Dürrenmatt é considerado um grande representante do humor negro.

Em sua confortável casa de Neuchâtel, participando ativamente da vida intelectual suíça, Dürrenmatt ainda acredita, como em 1956, quando *A Visita da Velha Senhora* estreou em Nova York, que escrever pode muito bem ser uma forma de luta.

UMA TRAGÉDIA DO RESSENTIMENTO

E então a velha senhora chega à cidade abandonada. Gullen saúda Clara Zahanassian, dona da Armenian Oil, da Westerh Railway, da North Broadcasting Company, do bairro dos cabarés de Hong Kong, amiga de Onassis e dos milionários da Riviera.

Quem poderá fazer mais por Gullen que essa rica senhora, que recebe telegramas do presidente dos Estados Unidos e do primeiro-ministro da Índia, mantém relações amistosas com os russos e menospreza o diretor do Banco Mundial? Quem poderá fazer mais por Gullen do que Clara, Clarinha Waescher, à qual o burgomestre se refere carinhosamente antes da sua chegada à estação, esquecendo que, muitos anos antes, a cidade a escorraçou?

E Clara está mesmo disposta a oferecer um bilhão a Gullen, mas com uma condição: que Alfred Schill, seu namorado na juventude, que negara a paternidade de urna filha de ambos, seja morto. Clarinha está de volta, mas disposta a vingar seu passado, com a segurança de que o dinheiro tudo pode.

Dura e amarga, ela exprime sua revolta: "O mundo fez de mim uma mulher da vida e eu quero fazer dele um bordel". Sua perna é mecânica, sua mão, de marfim: marcas de acidentes, mazelas que ela exibe sem o menor pudor, enquanto os próceres de Gullen, fingindo ignorá-las ou apreciá-las, lançam-se num servilismo infame.

Mas o desprezo de Clara é total e, sem complacência, ela reduz tudo à sua volta. As duas testemunhas de acusação foram cegadas por dois gangsters, obedientes cães de fila que Clara salvou da cadeira elétrica; seus maridos, o sétimo e o nono, que fazem parte de sua comitiva, também não lhe merecem o menor respeito. Ordena a um, vencedor do Prêmio Nobel, que não pense, e ao outro, astro do cinema, manda exercitar a inteligência. Sua consideração maior se dirige a Zahanassian, o milionário que a tirou de um bordel e se casou com ela, deixando-lhe ao morrer uma enorme fortuna que não cessou de se multiplicar.

Clara não é apenas uma personagem cruel, que durante toda a vida planejou sua vingança. É uma criatura com ambigüidades e contradições, doente de um amor ferido na juventude e lúcida sobre seu destino. Confessa que, no fundo, gostaria de ter-se casado na catedral de Gullen, sabe que não seria prostituta e nem teria perdido a criança com um ano de idade se tivesse contado com o apoio de Schill. Sabe que não seria amarga nem revoltada se a vida tivesse sido menos dura do que foi. Tem plena consciência de que poderia ser outra pessoa e ter outra vida, se logo no início do seu caminho não fosse vitima de uma brutal injustiça,

que determinou seu comportamento e sua sorte.

A todo-poderosa Clara tem uma fé inabalável na força da corrupção do seu dinheiro. Tão certa está da obtenção da morte de Alfred, que trouxe consigo o caixão, no qual o corpo dele seria colocado depois de morto. Ela tem certeza de que a cidade liquidará Schill, apesar do burgomestre, suprema autoridade de Gullen, ter reagido de maneira digna e composta à sua proposta. "Nós ainda estamos na Europa, ainda não nos tornamos pagãos. Em nome da cidade de Gullen, recuso sua oferta. Em nome da humanidade. Preferimos continuar pobres a nos manchar de sangue."

Mas a integridade moral dos cidadãos não é monolítica. A medida que a cidade começa a entrever o seu futuro de prosperidade, cresce o número dos que reconhecem a ignomínia de Alfred. A possibilidade dos milhões oferecidos por Clara lança todos numa corrida rumo ao consumo. Compram-se roupas e adereços, constrói-se, negocia-se tudo por antecipação; até mesmo a família Schill, pressentindo o futuro de progresso, muda seus hábitos e começa a gastar. Abandonado pela mulher e pelos filhos, Alfred encontra-se subitamente sozinho, clamando no deserto.

Schill, que a princípio não acreditava nas terríveis intenções de Clara a seu respeito — ela fora tão amável na recepção —, pede garantias de vida. Seu pedido, no entanto, é recusado. Numa cartada suicida, Alfred chega a admitir sua culpa, mas Clara não exige confissão e sim expiação. E não deseja apenas uma morte banal, mas uma morte ruidosa, escancarada nas manchetes dos principais jornais do globo, que anuncie que ela, a menina de tranças ruivas que a cidade expulsou, voltou para fazer justiça ao seu passado.

Toda a cidade acaba exigindo o sacrifício de Alfred, que se transformou aos poucos no mártir do dilema da consciência coletiva. "Podeis me matar, não me queixo, não protesto, não me defendo, mas não posso vos aliviar do vosso ato."

Uma assembléia se encarrega de lavrar a sentença e um médico fará constar no atestado de óbito que Alfred Schill morreu vitima de um colapso cardíaco. Na verdade, ele acaba morrendo assassinado pela coletividade, enquanto um locutor ironicamente irradia o crime. E Clara parte satisfeita, legando à cidade o cheque prometido. Todos os representantes dos poderes político, eclesiástico e judiciário, ao lado de toda a cidade, despedem-se da benemérita Clarinha, contentes de terem cumprido seu dever.

Ressuscitada e esplêndida, Gullen está apta a proporcionar paz e felicidade aos seus habitantes.

As cenas de *A Visita da Velha Senhora* são breves e sucedem-se rapidamente diante dos espectadores. A linguagem é concisa e econômica. O autor não obedece às famosas unidades de tempo, lugar e ação, nem seu teatro se enquadra na tradição naturalista. Isso significa que a platéia não encontra na dramaturgia de Dürrenmatt um perfeito retrato da vida como ela é. A realidade aparece acentuadamente deformada, grotesca, muitas vezes absurda, mas verdadeira.

Para caracterizar a redução de seres humanos a produtos senados, Dürrenmatt

joga com nomes próprios: o mordomo chama-se Boby, os gangsters Toby e Roby; os eunucos Koby e Loby e os maridos Hoby, Zoby e Moby. Em dado momento, para justificar a denominação de Moby a um dos maridos, em relação ao nome do mordomo, Clara argumenta: "Afinal de contas, mordomo a gente tem para a vida toda, logo, os maridos é que devem adaptar-se.

A Visita da Velha Senhora é uma peça engraçada, mas o cômico de Dürrenmatt oculta um sentido trágico que o espectador, incomodado, acaba por descobrir. Não é alentador perceber que a moral se rege não por nobres sentimentos mas pelos estômagos famintos. Afinal, o contágio do bem-estar é virulento e todos acabam euforicamente empestados. Até a família da vítima.

A ironia de Dürrenmatt se faz presente até no "happy end", pois tudo chega a um termo satisfatório. Como no velho provérbio, a justiça é cega, mas tem boa memória. Quando a promessa de um futuro pródigo transformou os cidadãos em cúmplices, a conivência assumiu uma fachada de desejo de justiça. Clara então foi encarada como uma espécie de deusa da vingança, que guardara um crime em sua memória e vinha do passado para puni-lo. E o fez, tão implacável quanto Nêmesis, a justiça vingadora, que atormentou tantos heróis na longínqua tragédia grega.

Schill revelou-se um mártir, mas frágil e culpado, embora não carregasse sozinho o crime de ter repudiado Clara: numa sociedade onde o dinheiro é o valor principal, a ambição é uma questão de sobrevivência. Ao fim, pairou sobre sua morte o aviso, talvez profético, do professor que num raro momento de lucidez disse a Alfred: "Também para nós chegará uma velha senhora e, então, se passará conosco o que, agora, se passa com o senhor".

A Visita da Velha Senhora estreou no Shauspielhaus de Zurique em janeiro de 1956; em maio, chegava no Kammerspiel de Munique e, antes do fim do ano, já tinha conquistado as platéias de Paris, Londres, Tóquio e Nova York.

No Brasil, a peça foi apresentada por Cacilda Becker em 1962. A atriz interpretou o denso papel de Clara Zahanassian, num grande espetáculo dirigido por Walmor Chagas. Ao seu lado, outros intérpretes famosos e, como Cacilda, já falecidos: Sérgio Cardoso (Alfred Schill), Eugenio Kusnet (o mordomo), Ered Kleemann (o subserviente burgomestre).

No posfácio da peça. Dürrenmatt classifica sua obra como uma "comédia trágica" e observa que não é uma boa peça, mas justamente por isso deveria ser bem apresentada, do modo "mais humano possível, com tristeza, com cólera, mas também com certo humor, pois nada prejudicaria tanto esta comédia que acaba tragicamente, quanto uma excessiva seriedade".

PERSONAGENS

Os visitantes:

CLAIRE ZAHANASSIAN – nome de solteira: CLARA WAESCHER – multimilionária (Armenian Oil)

SEUS MARIDOS DE N.^{os} 7 A 9

O MORDOMO

TOBY } mascando chiclete
ROBY }

KOBY } cegos
LOBY }

Os visitados:

SCHILL

SUA ESPOSA

SUA FILHA

SEU FILHO

O BURGOMESTRE

O PÁROCO

O PROFESSOR

O MÉDICO

O POLÍCIA

O PRIMEIRO } cidadãos
O SEGUNDO }

O TERCEIRO } cidadãos

O QUARTO }

O PINTOR

PRIMEIRA MULHER

SEGUNDA MULHER

A SENHORITA LUÍSA

Os demais:

O CHEFE DA ESTAÇÃO

O CONDUTOR DO TREM

O CHEFE DO TREM

O OFICIAL DE JUSTIÇA

Os importunos:

I JORNALISTA

II JORNALISTA

LOCUTOR DE RÁDIO

CINEGRAFISTA

Lugar da ação: Güllen (uma pequena cidade)

Época: atualidade

ATO I

Antes que o pano suba, o toque da sineta de uma estação da estrada de ferro. Depois, a tabuleta: "Güllen". O nome é, evidentemente, da cidadezinha que se entrevê, apenas indicada, ao fundo, arruinada, em plena decadência. Também o edifício da estação acha-se em péssimo estado: com ou sem grade, conforme o país, um horário dos trens, meio rasgado, na parede; um enferrujado conjunto de alavancas de chaves, uma porta com os dizeres: "Entrada proibida": Depois, no meio, a esquálida Rua da Estação, também apenas indicada. A *esquerda, uma casinhola, sem qualquer enfeite, telhado de telha, cartazes rasgados nas paredes sem janelas. Tabuleta* a *esquerda: "Senhoras": à direita: "Homens". Tudo mergulhado num cálido sol de outono. Diante da casinhola, um banco, onde estão sentados quatro homens. Um quinto homem, em estado de indescritível desmazelo, como os demais, está pintando uma faixa com tinta vermelha, para uma manifestação, evidentemente: "Bem-vinda Clarinha". O estrondo ensurdecedor de um trem rápido passando a toda a velocidade. Diante da estação, o chefe da estação, em continência, os homens sentados no banco indicam, com um movimento de cabeça, da esquerda para a direita, que acompanham a célebre passagem do trem.*

O PRIMEIRO

O *Nibelungo*, Hamburgo—Nápoles.

O SEGUNDO

Às onze horas e vinte e sete, passa o *Rolando Furioso.* Veneza— Estocolmo.

O TERCEIRO

É a única diversão que ainda temos: ver passar os trens.

O QUARTO

Há cinco anos, o *Nibelungo* é o *Rolando Furioso* paravam em Güllen. E mais o *Diplomata* e o *Ouro do Reno,* todos os rápidos de importância.

O PRIMEIRO
De importância mundial.

O SEGUNDO
Agora, não param mais nem sequer os expressos. Só dois mistos de Kassigen e o expressinho de uma hora e treze, de Kalberstadt.

O TERCEIRO
Estamos arruinados.

O QUARTO
As Indústrias Wagner, falidas.

O PRIMEIRO
Bockmann, quebrado.

O SEGUNDO
A Fundição Sol Nascente, fechada.

O TERCEIRO
Vivemos do subsídio de desemprego.

O QUARTO
Da distribuição de sopa aos pobres.

O PRIMEIRO
Vivemos?

O SEGUNDO
Vegetamos.

O TERCEIRO
Agonizamos.

O QUARTO
A cidade inteira.

(Toque de sineta.)

O SEGUNDO
Já não é sem tempo que vem aí a milionária. Diz que em Kalberstadt fundou um hospital.

O TERCEIRO
Em Kassigen, a creche, e na capital, um templo comemorativo.

O PINTOR
Mandou pintar seu retrato por Zimt, o troca-tintas acadêmico.

O PRIMEIRO
E como tem dinheiro! Proprietária da Armenian Oil, da Western Railway, da North Broadcasting Company e do bairro dos cabarés de Hong Kong

(Barulho de trem. O chefe da estação faz continência. Os homens acompanham a passagem do trem com um movimento de cabeça, da direita para a esquerda.)

O QUARTO
O *Diplomata.*

O TERCEIRO
E dizer que já fomos um centro de cultura.

O SEGUNDO
Um dos primeiros do país.

O PRIMEIRO
Da Europa.

O QUARTO
Goethe passou aqui uma noite. No Hotel do Apóstolo de Ouro.

O TERCEIRO
Brahms compôs um quarteto.

(Toque de sineta.)

O SEGUNDO
Berthold Schwarz inventou a pólvora.

O PINTOR
E eu cursei com brilho a escola de belas-artes e que é que acabei pintando? Faixas!

O PROFESSOR
Vamos ter canto do coro misto e do grupo juvenil.

O PÁROCO
E repiques do sino de tocar a rebate. Esse ainda não está no prego.

O BURGOMESTRE
Na Praça do Mercado, já foi armado o coreto para a Banda Municipal e o Grêmio Ginástico vai fazer a pirâmide humana em honra da milionária. Depois, banquete no Apóstolo de Ouro. Infelizmente, as finanças não dão para a iluminação, à noite, da catedral e da prefeitura.

(O oficial de justiça sai da casinhola.)

O OFICIAL DE JUSTIÇA
Bom dia, senhor burgomestre. Os meus respeitos.

O BURGOMESTRE
Que deseja por aqui, oficial de justiça Glutz?

O OFICIAL DE JUSTIÇA
Isso, o senhor burgomestre já sabe. Vou ter um trabalho medonho. Experimente o que é penhorar uma cidade inteira.

O BURGOMESTRE
A não ser uma velha máquina de escrever, na prefeitura não vai encontrar nada.

O OFICIAL DE JUSTIÇA
O senhor burgomestre esquece o Museu Cívico Güllense.

O BURGOMESTRE
Há três anos que foi vendido aos americanos. Nossos cofres estão vazios. Ninguém mais paga impostos.

O OFICIAL DE JUSTIÇA
É o que é preciso apurar. O país inteiro está rico e logo Güllen, com a Fundição Sol Nascente, vai à falência.

O BURGOMESTRE
Também para nós é um mistério econômico.

O PRIMEIRO
Tudo tramóia da maçonaria.

O SEGUNDO
Maquinação dos judeus.

O TERCEIRO
A alta finança está metida nisso.

O QUARTO
O comunismo internacional manobra nos bastidores.

(Toque de sineta.)

O OFICIAL DE JUSTIÇA
Eu tenho olhos de gavião. Sempre acho alguma coisa. Vou revistar os cofres municipais. (*Sai*)

O BURGOMESTRE
É melhor que ele nos assalte agora do que depois da visita da milionária.

(O pintor terminou a faixa.)

SCHILL
Isso, naturalmente, não vai, burgomestre. É íntimo demais. "Bem-vinda Claire Zahanassian", é que deve ser.

O PRIMEIRO
Mas ela sempre foi Clarinha.

O SEGUNDO
Clarinha Waescher.

O TERCEIRO
Nascida e crescida aqui.

O QUARTO
Seu pai era mestre-de-obras.

O PINTOR
É muito simples. Escrevo "Bem-vinda Claire Zahanassian" nas costas. Depois, quando a milionária estiver emocionada, sempre poderemos virar a faixa para o lado da frente.

O SEGUNDO
O *Financista* Zurique—Hamburgo.

(Novo trem rápido passa da direita para a esquerda.)

O TERCEIRO
Sempre na hora exata. Poderia se acertar o relógio por ele.

O QUARTO
Pois sim, quem é que ainda tem relógio por aqui!

O BURGOMESTRE
Meus senhores, a milionária é a nossa última esperança.

O PÁROCO
Afora Deus.

O BURGOMESTRE
Afora Deus.

O PROFESSOR
Mas Deus não fornece dinheiro.

O BURGOMESTRE
Você foi íntimo dela, Schill; tudo depende de você.

O PÁROCO
Naquela ocasião, os dois se separaram. Chegou ao meu ouvido uma história um tanto confusa ... Não tem nada para confessar ao seu pároco?

SCHILL
Éramos muito amigos — jovens e ardorosos... Afinal, meus senhores, há quarenta e cinco anos, eu era um rapagão e ela, Clara... Parece-me que ainda a estou vendo vir ao meu encontro, luminosa, no escuro do palheiro de Peter; ou correndo de pés nus sobre o musgo e as folhas da floresta da Fonte Imperial, o cabelo ruivo solto ao vento, ligeira, esguia, delicada, um diabo de bruxinha bonita. Foi a vida quem nos separou, somente a vida. Coisas que acontecem.

O BURGOMESTRE
Para o meu pequeno discurso no banquete do Apóstolo de Ouro, eu precisaria de alguns pormenores a respeito da senhora Zahanassian. *(Saca do bolso um caderninho de apontamentos.)*

O PROFESSOR
Andei pesquisando os velhos boletins escolares. As notas de Clara Waescher,

sinto muito, mas, infelizmente, são más. O comportamento, também. Somente em botânica e zoologia, nota sofrível.

O BURGOMESTRE *(tomando nota)*
Bem. Sofrível em botânica e zoologia. Já é alguma coisa.

SCHILL
Nisso, eu posso ser de auxílio ao burgomestre. Clara amava a justiça. Positivamente. Certa vez, quando prenderam um vagabundo, ela atirou pedras contra a polícia.

O BURGOMESTRE
Amor pela justiça. Nada mau. Produz sempre um grande efeito. Mas é melhor suprimir a história das pedras contra a policia.

SCHILL
Caridosa também era. Repartia tudo o que tinha; uma vez roubou batatas para dar a uma pobre viúva.

O BURGOMESTRE
Pendor para a beneficência. É absolutamente necessário que eu cite isso, meus senhores. É o principal. Alguém se lembra de algum prédio que o pai dela teria construído? Viria a calhar no discurso.

TODOS
Ninguém.

(O burgomestre fecha seu caderninho de apontamentos.)

O BURGOMESTRE
Pelo que me diz respeito, eu estaria pronto... O resto é tarefa de Schill.

SCHILL
Eu sei. A Zahanassian tem de soltar alguns dos seus milhões.

O BURGOMESTRE
Alguns milhões — esse é o verdadeiro conceito.

O PROFESSOR
Isso de creche, no nosso caso, não adianta nada.

O BURGOMESTRE

Meu caro Schill, desde muito você é a personalidade mais querida de Güllen. Na primavera, termina o meu mandato e já estabeleci contatos com a oposição. Ficamos de acordo em propor você para meu sucessor.

SCHILL
Mas, senhor burgomestre...

O PROFESSOR
É a pura verdade.

SCHILL
Meus senhores, vamos ao que importa. Antes de mais nada, quero falar com Clara sobre a nossa miserável situação.

O PÁROCO
Mas com cuidado, delicadamente...

SCHILL
Precisamos proceder habilmente sem erros de psicologia. Já um fracasso na recepção, à chegada, poderia mandar tudo por água abaixo. Banda de música e coro misto não resolvem nada.

O BURGOMESTRE
Nisso, Schill tem razão. Afinal, esse momento também é muito importante: a senhora Zahanassian, que pisa o solo de sua cidade natal, sente-se novamente na sua casa, emocionada, com lágrimas nos olhos, torna a ver velhos conhecidos. Eu, naturalmente, não estarei aqui em mangas de camisa, como agora, mas, sim, solenemente, de fraque e cartola, tendo ao lado minha esposa e, na frente, as minhas duas netas, todas de branco, oferecendo rosas. Deus queira que tudo fique pronto a tempo

(Toque de sineta.)

O PRIMEIRO
O *Rolando Furioso.*

O SEGUNDO
Veneza—Estocolmo, onze horas e vinte e sete.

O PÁROCO
Onze horas e vinte e sete! Ainda temos quase duas horas para pôr a roupa dos domingos.

O BURGOMESTRE

Para segurar no alto a faixa “Bem-vinda Claire Zahanassian”, escalo Kühn e Hauser. *(Aponta para o Quarto)* Os outros, é melhor que fiquem agitando o chapéu. Mas, por favor, nada de berreiro, como no ano passado, quando veio a Comissão do Governo; não causou a menor impressão e até hoje ainda esperamos pela subvenção. O apropriado não é uma alegria espalhafatosa, mas, sim, uma alegria contida, quase com soluços na voz, que expresse o sentimento da cidade pelo regresso da sua filha. Mostrem-se desenvoltos e cordiais, mas que a organização saia perfeita, pelo amor de Deus, o sino tem de entrar logo depois do coro misto. E, principalmente, é preciso muita atenção em que...

(O estrondo do trem que se aproxima cobre o resto das suas palavras. Ranger de freios. O espanto e a confusão pintam-se no rosto de todos. Os cinco do banco levantam-se num pulo.)

O PINTOR

O rápido!

O PRIMEIRO

Parou!

O SEGUNDO

Em Güllen!

O TERCEIRO

No lugarejo mais miserável.

O QUARTO

Mais imundo.

O PRIMEIRO

Mais desgraçado da linha Veneza—Estocolmo.

O CHEFE DA ESTAÇÃO

Foram revogadas as leis da natureza. O *Rolando Furioso* tem de surgir na curva de Leuthenau, passar como um raio pela estação e desaparecer, um ponto negro, na baixada de Pückenried.

(Da direita, chega Claire Zahanassian, sessenta e três anos, cabelo ruivo, colar de pérolas, enormes braceletes de ouro, enfeitadíssima, incrível, mas, apesar disto e por isto mesmo,

grande dama, com um donaire peculiar, não obstante todo o seu grotesco. Atrás dela, o seu séqüito, o mordomo Boby, beirando os oitenta anos de idade, de óculos pretos, o marido nº 7 (alto, magro, bigode preto), com equipamento completo para a pesca. Um chefe de trem, agitadíssimo, de quepe vermelho e bolsa vermelha, acompanha o grupo.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
É aqui Güllen?

O CHEFE DO TREM
A senhora puxou o freio de emergência, madame!

CLAIRE ZAHANASSIAN
Eu sempre puxo o freio de emergência.

O CHEFE DO TREM
Protesto, energicamente. Em nosso país, nunca se puxa o freio de emergência. Nem mesmo em caso de emergência. O princípio fundamental é respeitar o horário. Exijo uma explicação.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Estamos em Güllen, sim, Moby. Reconheço o triste lugarejo. Lá embaixo, a floresta da Fonte Imperial, com o riacho, onde você poderá pescar trutas e lúcios, e, à direita, o telhado do palheiro de Peter.

SCHILL *(como que despertando)*
Clara.

O PROFESSOR
A Zahanassian.

TODOS
A Zahanassian.

O PROFESSOR
O coro misto e o grupo juvenil que não estão prontos!

O BURGOMESTRE
Os ginastas da pirâmide, o corpo de bombeiros!

O PÁROCO
O sacristão!

O BURGOMESTRE
E eu sem fraque, meu Deus do céu! Sem cartola, sem netas!

O PRIMEIRO
A Clarinha Waescher! A Clarinha Waescher! *(Sai correndo na direção da vila.)*

O BURGOMESTRE *(gritando atrás dele)*
Não esqueça a minha patroa!

O CHEFE DO TREM
Estou à espera da explicação. No exercício das minhas funções. Em nome da direção da estrada de ferro.

CLAIRE ZAHANASSIAN
O senhor é um cretino. Eu quero, justamente, é visitar a vila. Devia pular do seu rápido andando?

O CHEFE DO TREM
A senhora fez parar o *Rolando Furioso* só porque desejava visitar Güllen? *(Faz um esforço tremendo para se conter.)*

CLAIRE ZAHANASSIAN
Naturalmente.

O CHEFE DO TREM
Madame, se a sua intenção é visitar Güllen, pois não, a senhora tem em Kalberstadt o expressinho das doze horas e quarenta à sua disposição. Como todo mundo. Chegada a Güllen, à uma hora e treze.

CLAIRE ZAHAMASSIAN
O trem que pára em Loken, Brunnhübel, Beisenbach e Leuthenau? E o senhor pretendia que eu me deixasse rebocar, durante meia hora, por essas aldeolas todas?

O CHEFE DO TREM
Isso vai lhe custar caro, madame.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Boby, dê-lhe mil.

TODOS *(murmurando)*
Mil.

(O mordomo dá mil ao chefe do trem.)

O CHEFE DO TREM *(assombrado)*
Madame.

CLAIRE ZAHANASSIAN
E mais três mil para a Sociedade Beneficiente das Viúvas dos Ferroviários.

TODOS *(murmurando)*
Três mil.

(O chefe do trem recebe mais três mil do mordomo.)

O CHEFE DO TREM *(confuso)*
Essa sociedade não existe, madame.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Trate de fundá-la.

(O burgomestre diz qualquer coisa ao ouvido do chefe do trem.)

O CHEFE DO TREM *(impressionadíssimo)*
Madame, é a senhora Claire Zahanassian? Oh, desculpe. Isso, naturalmente, muda tudo. É evidente que o trem iria parar em Güllen, se tivéssemos a menor idéia de que... Aqui está o seu dinheiro de volta, madame... Quatro mil... Meu Deus.

TODOS *(murmurando)*
Quatro mil.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Guarde essa ninharia.

TODOS *(murmurando)*
Ninharia.

O CHEFE DO TREM
Deseja que o *Rolando Furioso* espere até a senhora ter visitado Güllen, madame? A direção da estrada de ferro terá imenso prazer em atendê-la. Parece

que o portal da catedral é importante. Gótico. Com um Juízo Final.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Vá saindo daqui na disparada e mais o seu trem.

MARIDO N.^{0} *7 (em tom lamuriento)*
Mas a imprensa, benzinho, a imprensa ainda não desceu. Os jornalistas estão almoçando no carro-restaurante, lá na frente, sem saber de nada.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Deixe que continuem almoçando, Moby. No momento, não preciso da imprensa, em Güllen; mais tarde, ela virá sozinha.

(Nesse meio tempo, o Primeiro trouxe o fraque do burgomestre. Este avança solenemente ao encontro de Claire Zahanassian. O pintor e o Quarto, em pé, no banco, içam a faixa com os dizeres "Bem-vinda Claire Zahanas". O pintor não teve tempo de acabá-la. O chefe da estação dá o sinal para o trem partir.)

O CHEFE DO TREM
Contanto que a senhora não vá se queixar à direção da estrada de ferro. Foi unicamente um mal-entendido.

(O trem começa a pôr-se em movimento. O chefe do trem pula para ele.)

O BURGOMESTRE
Ilustre e prezada senhora. Na qualidade de burgomestre de Güllen, tenho a honra de apresentar à senhora, como filha que é da nossa cidade...

(O resto do discurso do burgomestre, que continua falando ininterruptamente, é inteiramente coberto pela barulheira do trem partindo em grande velocidade.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Eu lhe agradeço, senhor burgomestre, o seu bonito discurso.
(Vai na direção de Schill, que, um pouco acanhado, foi ao seu encontro.)

SCHILL
Clara.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Alfredo.

SCHILL
Que bom, que você veio.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Eu sempre tive esta intenção. Durante minha vida toda, desde o dia em que deixei Güllen.

SCHILL *(não muito seguro de si)*
É muito amável da sua parte.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Você também pensou em mim?

SCHILL
Naturalmente. Sempre. Isso você sabe, Clara.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Foram maravilhosos todos aqueles dias que passamos juntos.

SCHILL *(ufano)*
Justamente. *(Ao professor)* Ouviu professor? Está no papo.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Chame-me como você sempre me chamou.

SCHILL
Meu gatinho-do-mato.

CLAIRE ZAHANASSIAN (ronronando como um velho gato)
E que mais?

SCHILL
Minha bruxinha.

CLAIRE ZAHANASSIAN
E você era para mim a minha pantera preta.

SCHILL
Ainda sou.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Bobagem. Você engordou. Criou cabelo grisalho e cara de pau-d'água.

SCHILL
Mas você não mudou, minha bruxinha.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Qual nada. Eu também fiquei velha e gorda. E a minha perna esquerda lá se foi. Um acidente de automóvel. Agora, viajo somente nos trens rápidos. Mas esta perna mecânica é perfeita, não acha? *(Levanta a saia e mostra a perna esquerda)* Posso movê-la sem a menor dificuldade.

SCHILL *(enxugando o suor)*
Isso eu nunca teria pensado, meu gatinho-do-mato.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Você dá licença, Alfredo, de que lhe apresente o meu sétimo marido? É proprietário de plantações de fumo. O nosso casamento é feliz.

SCHILL
Com prazer.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Chegue aqui, Moby, cumprimente. Para dizer a verdade, ele se chama Pablo, mas eu acho Moby mais bonito. Também combina melhor com Boby, que é o nome do meu camareiro. Afinal de contas, camareiro a gente tem para a vida toda, logo, os maridos é que devem adaptar-se ao nome dele.

(O marido nº 7 cumprimenta inclinando-se.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Não é um amor, com seu bigode preto? Concentre-se, Moby.
(O marido nº 7 concentra-se.) Mais. *(O marido nº 7 concentra-se ainda mais.)* Ainda mais.

MARIDO Nº 7
Mais do que isto, não posso concentrar-me, benzinho. Seriamente.

CLAIRE ZAHANASSIAN
É claro que pode. Experimente.

(O marido n.º 7 concentra-se ainda mais. Toque de sineta)

CLAIRE ZAHANASSIAN

Viu que podia? Não é verdade, Alfredo, que assim ele dá uma impressão quase diabólica? Como um brasileiro. Mas é engano. É grego ortodoxo. O pai dele era russo. Fomos casados por um pope. Não é interessante? Agora, quero ver um pouco de Güllen.

(Com um lornhão cravejado de pedras preciosas, contempla a casinhola.)

CLAIRE ZAHANASSIAN

Quem construiu essa casa das privadas foi meu pai, Moby. Trabalho caprichado, rigorosamente de acordo com as especificações. Quando era criança, eu ficava horas sentada no telhado, cuspindo para baixo. Mas só nos homens.

(Ao fundo, reuniram-se o coro misto e o grupo juvenil. O professor avança, de cartola.)

O PROFESSOR

Minha senhora, como diretor do ginásio de Güllen e cultor da nobre arte da música, peço licença para lhe prestar homenagem com uma singela canção folclórica, executada pelo coro misto e pelo grupo juvenil.

CLAIRE ZAHANASSIAN

Está bem, professor, vamos lá com a sua singela canção folclórica.

(O professor saca do bolso um diapasão, dá o tom, o coro misto e o grupo juvenil começam solenemente a cantar, mas, nesse momento, um novo trem chega da esquerda. O chefe da estação faz continência. O coro tem de lutar com o estrondear do trem, o professor se desespera, finalmente o trem passou.)

O BURGOMESTRE *(inconsolável)*

O sino de tocar a rebate! Agora é que o sino devia repicar!

CLAIRE ZAHANASSIAN

Cantaram bem, jovens de Güllen. Especialmente o louro com a voz de baixo, o último da esquerda, com o gogó saliente, esteve notável.

(Um polícia abre caminho por entre o coro misto, fazendo continência diante de Claire

Zahanassian.)

O POLÍCIA
Cabo da polícia Hahncke, minha senhora. As suas ordens.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Obrigada. Não quero prender ninguém. Mas Güllen, talvez, ainda venha a precisar de seus serviços. Não lhe acontece, de vez em quando, fechar os olhos a alguma coisa?

O POLÍCIA
Acontece, sim, senhora. Que seria de mim, em Güllen, se não os fechasse?

CLAIRE ZAHANASSIAN
No futuro, será melhor guardá-los fechados.

(O polícia fica um tanto perplexo)

SCHILL *(rindo)*
Isso é cem por cento Clara! Cem por cento a minha bruxinha.

(Bate, divertido, uma palmada na coxa. O burgomestre põe na cabeça a cartola do professor, coloca à sua frente as duas netas. Gêmeas, sete anos de idade, trancinhas louras.)

O BURGOMESTRE
Minhas netas, Guilhermina e Adolfina. Só falta a patroa.

(Enxuga o suor. As duas meninas fazem uma reverência e entregam à Zahanassian ramos de rosas vermelhas.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Parabéns pelas duas gurias, burgomestre. Segure!

(Soca as rosas nos braços do chefe da estação. O burgomestre, às escondidas, passa a cartola ao pároco, que a põe.)

O BURGOMESTRE
Minha senhora, o nosso pároco.

(O pároco tira a cartola, inclina-se)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Ah, o pastor. O senhor costuma consolar os moribundos?

O PÁROCO *(admirado)*
Faço o que posso.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Também os condenados à morte?

O PÁROCO *(confuso)*
Em nosso país, a pena de morte foi abolida, minha senhora.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Pode ser que tornem a introduzi-Ia.

(Um tanto desnorteado, o pároco devolve a cartola ao burgo mestre, que volta a pô-la.)

SCHILL *(sorrindo)*
Meu gatinho-do-mato! Você tem cada piada mais engraçada!

CLAIRE ZAHANASSIAN
Agora, quero ver a vila.

(O burgomestre quer oferecer-lhe o braço.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Mas que idéia, burgomestre; eu não vou andar quilômetros a pé, com a minha perna mecânica.

O BURGOMESTRE *(assustado)*
Pois não! Imediatamente! O médico tem um automóvel. Um Mercedes de 1932.

O POLÍCIA *(batendo os calcanhares)*
Deixe por minha conta, senhor burgomestre. Vou já requisitar o carro.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Não é preciso. Desde o meu acidente de automóvel, só ando de cadeirinha. Roby e Toby, vamos com isso.

(Da esquerda, chegam dois monstros hercúleos,

mascando chiclete e carregando uma liteira. Um deles traz às costas uma guitarra.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Dois gângsteres de Manhattan, condenados à cadeira elétrica em Sing-Sing. Libertados, a meu pedido, para o serviço de carregar liteira. Cada um deles me custou um milhão de dólares. A liteira vem do Louvre e é um presente do presidente da república francesa. Um cavalheiro muito amável, igualzinho aos seus retratos nos jornais. Roby e Toby, levem-me à cidade.

OS DOIS
Yes, mam.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Mas, antes, ao palheiro de Peter e, depois, à floresta da Fonte Imperial. Quero visitar, com Alfredo, os velhos lugares do nosso amor. Enquanto isso, mandem levar ao Apóstolo de Ouro a bagagem e o caixão de defunto.

O BURGOMESTRE *(pasmado)*
O caixão de defunto?

CLAIRE ZAHANASSIAN
Trouxe um comigo. Talvez eu vá precisar dele. Roby e Toby, marchem!

(Os dois monstros mascadores de chicletes carregam Claire Zahanassian. na liteira, para a cidade. O burgomestre faz um sinal, todos rompem em gritos de viva, que, no entanto, se extinguem de pasmo quando dois carregadores passam levando para Güllen um riquíssimo ataúde. Nesse momento, todavia, entra a bimbalhar o sino de tocar a rebate, que ainda não está no prego.)

O BURGOMESTRE
Até que enfim! O sino de tocar a rebate!

(A população acompanha o ataúde. Seguiem-se as camareiras de Claire Zahanassian, com a bagagem, e uma quantidade infinita de maletas e malas, carregadas por habitantes de Güllen. O polícia comanda o trânsito e se prepara para juntar-se ao cortejo, quando chegam, da direita, outros dois homens, pequenos, gordos, velhos, falando em voz baixa e vestidos com esmero, que

se seguram pela mão.)

OS DOIS
Estamos em Güllen. Sentimos isso ao cheiro, ao cheiro, ao cheiro do ar, ao cheiro do ar de Güllen.

O POLÍCIA
E vocês, quem são?

OS DOIS
Pertencemos à velha senhora, pertencemos à velha senhora. Ela nos chama Koby e Loby.

O POLÍCIA
A senhora Zahanassian está hospedada no Hotel do Apóstolo de Ouro.

OS DOIS *(alegremente)*
Somos cegos, somos cegos.

O POLÍCIA
Cegos? Então, vou levá-los até lá.

OS DOIS
Obrigado, senhor polícia, muito obrigado.

O POLICIA *(admirado)*
Se são cegos, como sabem que eu sou polícia?

OS DOIS
Pelo tom de voz, pelo tom de voz, todos os policiais têm o mesmo tom de voz.

O POLÍCIA *(desconfiado)*
Está me parecendo que os dois já tiveram alguma experiência com a polícia. Que espécie de homens são vocês?

OS DOIS *(surpresos)*
Homens, ele pensa que somos homens!

O POLÍCIA
Que diabo são, então?

OS DOIS
Vai descobrir mais tarde, vai descobrir mais tarde.

O POLÍCIA *(pasmado)*
Bem, ao menos são alegres.

OS DOIS
Somos tratados a filé e presunto. Todos os dias, todos os dias.

O POLÍCIA
Assim, eu também saía dançando por aí. Vamos, dêem cá a mão. Esses estrangeiros têm um humorismo esquisito. *(Ruma com os dois para a cidade.)*

OS DOIS
Vamos ter com Boby e Moby, vamos ter com Roby e Toby.

(Mudança de cena sem que baixe o pano. A fachada da estação e a casinhola desaparecem no alto. O interior do Apóstolo de Ouro; pode-se mesmo fazer descer uma tabuleta de hospedaria, uma venerável figura dourada de apóstolo, emblema que fica suspenso no meio da sala. Vestígios de antigo luxo que acabou. Tudo gasto, coberto de pó, em pedaços, cheirando mal, os estuques se esboroando. Uma interminável procissão de gente carregando bagagem; primeiro, arrastam para dentro e levam lá para cima uma jaula, depois, as malas. O burgomestre e o professor estão sentados na direita baixa, tomando umas aguardentes.)

O BURGOMESTRE
Malas e mais malas, aos montes. E, ainda há pouco, levaram para cima uma pantera numa jaula, um bicharoco preto de meter medo.

O PROFESSOR
Ela reservou um quarto especial só para o caixão de defunto. Curioso.

O BURGOMESTRE
Essas mulheres mundialmente faladas têm suas excentricidades.

O PROFESSOR
Pelo modo, tenciona demorar-se.

O BURGOMESTRE
Tanto melhor. Schill faz dela o que quer. Chamou-lhe gatinho-do-mato,

bruxinha. Vai fazê-la cuspir milhões. À saúde de Claire Zahanassian, professor. Possa ela sanear as finanças de Bockmann.

O PROFESSOR
As Indústrias Wagner.

O BURGOMESTRE
A Fundição Sol Nascente. Se essa tornar a prosperar, tudo tornará a prosperar, o município, o ginásio, o bem-estar da coletividade.

(Tocam os copos.)

O PROFESSOR
Faz mais de quatro lustros que eu corrijo os deveres de grego e latim dos alunos de Güllen, meu caro senhor burgomestre, mas somente há uma hora é que sei o que é o pavor. De arrepiar o cabelo, a figura da velha senhora descendo do trem, toda vestida de preto. Fico pensando numa parca, numa deusa grega do destino. Deveria chamar-se Cloto, em vez de Claire. Dessa, sim, eu acreditaria que é capaz de fiar os fios da vida.

(O polícia entra, pendura o quepe num gancho.)

O BURGOMESTRE
Venha sentar-se com a gente, cabo Hahncke.

(O polícia vai sentar-se com eles.)

O POLÍCIA
Não é nada divertido atuar neste lugarejo. Mas, agora, vai haver flores brotando das ruínas. Ainda há pouco, estive com a milionária e o merceeiro Schill no palheiro de Peter. Uma cena tocante. Ambos mergulhados em profundo recolhimento, como numa igreja. Por sinal que me senti vexado de estar lá. Também, assim que foram para a floresta da Fonte Imperial, vim embora. Uma verdadeira procissão. Na frente, a liteira, ao lado, Schill e, atrás, o mordomo e o sétimo marido, com seu caniço de pesca.

O PROFESSOR
Que consumo de homens! Uma nova Laís.

O POLÍCIA
E, ainda por cima, dois homenzinhos gordos. Sabe o diabo o que isso quer dizer.

O PROFESSOR
Coisa sinistra. Surgida das profundas do averno.

O BURGOMESTRE
Gostaria de saber o que eles foram procurar na floresta da Fonte Imperial.

O POLÍCIA
O mesmo que no palheiro de Peter. Estão percorrendo os sítios onde outrora a sua paixão — como é mesmo que se diz? —flamejou.

O PROFESSOR
Como uma labareda! É forçoso pensar em Shakespeare. Romeu e Julieta. Meus senhores, estou profundamente emocionado. Pela primeira vez, sinto pairar em Güllen a grandeza da antiguidade.

O BURGOMESTRE
Principalmente, porém, precisamos brindar ao ótimo Schill, que está fazendo o impossível para melhorar a nossa sorte. Meus senhores, bebo à saúde do mais querido cidadão de Güllen, do meu sucessor!

(O apóstolo da tabuleta voa para o urdimento. Da esquerda, chegam os quatro cidadãos, trazendo um simples banco de madeira, sem encosto, que pousam à esquerda. O Primeiro fica em pé, no banco, segurando um grande coração de papelão emoldurado pelas letras A e C, os demais formam semicírculo a seu redor, estendendo ramos, num arremedo de árvores.)

O PRIMEIRO
Somos pinheiros, bétulas, faias.

O SEGUNDO
Somos abetos verde-montanha.

O TERCEIRO
Líquens e musgos, moitas de hera.

O QUARTO
Brenha e capão, covis de raposa.

O PRIMEIRO
Nuvens que correm, cantos de pássaros.

O SEGUNDO
Fresca e cheirosa selva alemã.

O TERCEIRO
E cogumelos, gamos ariscos.

O QUARTO
Brisa nos galhos e velhos sonhos.

(Do fundo, chegam os dois monstros mascadores de chiclete, trazendo a liteira com Claire Zahanassian; ao lado desta, Schill. Atrás, o marido n.^{0} 7 e, bem ao fundo, o mordomo, conduzindo pela mão os dois cegos.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
A floresta da Fonte Imperial. Roby e Toby, parem.

OS DOIS CEGOS
Parem, Roby e Toby, parem Boby e Moby.

(Claire Zahanassian desce da cadeirinha e contempla a floresta.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
O coração com as nossas iniciais, Alfredo. Quase apagadas e afastadas uma da outra. A árvore cresceu, seu caule e seus galhos engrossaram, tal como nós. *(Claire Zahanassian aproxima-se das outras árvores.)* Um grupo de árvores bem alemãs. Há muito que eu não percorria a floresta da minha mocidade, há muito que não pisava o chão fofo de folhas, a hera cor de violeta. Vão passear um pouco atrás das moitas, com sua liteira, ó mascadores de goma; não gosto de ter suas carrancas sempre debaixo dos olhos. E você, Moby, veja se espairece à direita, para as bandas do riacho; visite seus peixes.

(Os dois monstros com a liteira saem à esquerda, e o marido n.^{0} 7, à direita. Claire Zahanassian senta-se no banco.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Olha só, um gamo.

(O Terceiro sai, num pulo.)

SCHILL
A caça é proibida; tempo da gestação.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Trocamos beijos sentados nesta pedra. Há mais de quarenta e cinco anos. E nos amamos atrás desses arbustos, debaixo dessa faia, por entre os cogumelos venenosos, no musgo. Eu tinha dezessete anos e você não chegava aos vinte. Depois, você se casou com Matilde Blumhard e seu armazém e eu com o velho Zahanassian e seus milhões da Armênia. Ele me encontrou num bordel de Hamburgo. Ficou todo embeiçado pelo meu cabelo ruivo, a minha boa e velha joaninha de ouro!

SCHILL
Clara!

CLAIRE ZAHANASSIAN
Boby, um Henry Clay.

OS DOIS CEGOS
Um Henry Clay, um Henry Clay.

(O mordomo vem do fundo, oferece-lhe um charuto, dá-lhe fogo.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Eu gosto de charutos. O justo seria que fumasse os que são feitos com fumo do meu marido, mas não me inspiram nenhuma confiança.

SCHILL
Casei-me com Matilde Blumhard por amor de você.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Ela tinha dinheiro.

SCHILL
Você era jovem e bonita. O futuro lhe pertencia. Eu queria a sua felicidade. Tive de renunciar à minha.

CLAIRE ZAHANASSIAN
E, agora, o futuro chegou.

SCHILL
Tivesse ficado aqui, você estaria na miséria, como eu.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Você está na miséria?

SCHILL
Um merceeiro falido numa cidadezinha falida.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Agora, quem tem dinheiro sou eu.

SCHILL
Eu vivo num inferno, desde o dia em que você foi embora.

CLAIRE ZAHANASSIAN
E eu me tornei o inferno.

SCHILL
Tenho que brigar com a minha família, que todos os dias me lança em rosto a nossa pobreza.

CLAIRE ZAHANASSIAN
A Matildinha não fez você feliz?

SCHILL
O essencial é que você seja feliz.

CLAIRE ZAHANASSIAN
E seus filhos?

SCHILL
Sem o menor idealismo.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Isso, com o tempo, virá a eles também.

(Ele emudece. Ambos fitam a floresta da sua juventude.)

SCHILL
Eu levo uma vida ridícula. Nem sequer, a bem dizer, saí da vila. Uma viagem a Berlim e outra ao lago de Lugano, é tudo.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Também, para quê. Eu conheço o mundo.

SCHILL
Porque você teve sempre a possibilidade de viajar.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Porque ele me pertence.

(Ele emudece e ela fuma.)

SCHILL
Agora, vai mudar tudo.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Certamente.

SCHILL *(ansiosamente)*
Você vai nos ajudar?

CLAIRE ZAHANASSIAN
Não posso abandonar a cidade da minha juventude.

SCHILL
Precisamos de milhões.

CLAIRE ZAHANASSIAN
É pouco.

SCHILL
Meu gatinho-do-mato!

(Comovido, dá-lhe uma palmada na coxa esquerda e retira a mão, com uma careta de dor.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Isso dói. Você bateu num parafuso da minha perna mecânica.

(O Primeiro tira do bolso da calça um cachimbo e uma chave de casa, enferrujada, bate com a chave no cachimbo.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Um pica-pau.

SCHILL
É como antigamente, quando éramos jovens e ardorosos e vínhamos passear na floresta da Fonte Imperial, nos dias do nosso amor. O sol alto sobre os abetos, um disco luminoso. Nuvens correndo no céu e o canto do cuco, num ponto qualquer da mata.

O QUARTO
Cucu! Cucu!

(Schill apalpa o Primeiro.)

SCHILL
Fresca madeira e vento nos ramos, o murmúrio da folhagem como o marulhar das ondas do mar. Como antigamente, tudo como antigamente.

(Os três que fingem de árvores sopram ar pela boca e movem os braços para cima e para baixo.)

SCHILL
Tivesse o tempo parado, minha bruxinha. Pudesse a vida não nos ter dividido.

CLAIRE ZAHANASSIAN
É isso o que você deseja?

SCHILL
Sim, isso, só isso. Porque eu amo você. *(Beija-lhe a mão direita.)* A mesma mão, branca e fresca.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Engano. Também é mecânica. De marfim.

(Schill larga a mão, horrorizado.)

SCHILL
Clara, será que você tem tudo mecânico?

CLAIRE ZAHANASSIAN
Quase. Foi uma queda de avião no Afeganistão. Saí rastejando do meio dos destroços, única sobrevivente. A tripulação também estava morta. De mim, ninguém dá cabo.

OS DOIS CEGOS
Ninguém dá cabo, ninguém dá cabo.

(Um enérgico dobrado da banda de música. O apóstolo da tabuleta torna a descer. Os güllenses trazem para dentro mesas, as toalhas de mesa esfarrapadas de causar lástima. Pratos, talheres, comidas, uma mesa no meio, uma à esquerda e outra à direita, paralelas ao público. Do fundo, chega o pároco. Entram numerosos outros habitantes de Güllen, um deles vestindo camisa de malha de ginasta. Tornam a aparecer o burgomestre, o professor e o polícia. Aplausos dos güllenses. O burgomestre aproxima-se do banco onde estão sentados Claire Zahanassian e Schill; as árvores voltaram a ser cidadãos e foram para o fundo.)

O BURGOMESTRE
Estes aplausos entusiásticos são para a senhora, ilustre hóspede.

CLAIRE ZAHANASSIAN
São para a banda de música, burgomestre. Tocou primorosamente e, pouco antes, a pirâmide do Grêmio Ginástico foi uma maravilha. Gosto de homens com camisa de malha e calção. Têm um aspecto tão mais natural.

O BURGOMESTRE
Dá-me licença de acompanhá-la à mesa? *(Conduz Claire Zahanassian à mesa do meio, apresenta-lhe sua esposa)* Minha esposa.

(Claire Zahanassian examina a esposa com seu lornhão.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Anete Dummermuth, a primeira da nossa classe.

(Agora o burgomestre apresenta-lhe uma segunda mulher, não menos acabada e amargurada que a dele.)

O BURGOMESTRE
A senhora Schill.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Matildinha Blumhard. Ainda me lembro de você, quando ficava à espreita de Alfredo, escondida atrás da porta do armazém. Você emagreceu empalideceu

um bocado, minha filha.

(Da direita, entra correndo na sala o médico, um cinqüentão atarracado, de bigode, cabelo preto e cerdoso, na cara as cicatrizes dos duelos estudantis; traja uma velha casaca.)

O MÉDICO
Vim chispando no meu velho Mercedes, para chegar a tempo.

O BURGOMESTRE
O Dr. Nüsslin, médico municipal.

(Claire Zahanassian observa o médico com seu lornhão; o médico beija-lhe a mão.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Interessante. É o senhor que passa os atestados de óbito?

O MÉDICO *(pasmado)*
Os atestados de óbito?

CLAIRE ZAHANASSIAN
Sim, quando morre alguém.

O MÉDICO
Com efeito, minha senhora. É o meu dever. Função inerente ao cargo.

CLAIRE ZAHANASSIAN
No futuro, ateste colapso cardíaco.

SCHILL *(rindo)*
Boa piada, que delícia!

(Claire Zahanassian afasta-se do médico examina o ginasta na sua camisa de malha.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Faça mais alguns exercícios.

(O ginasta dobra os joelhos, move os braços.)

CLAIRE ZAHANASSIAN

Que músculos! Com toda essa força, o senhor nunca estrangulou ninguém?

O GINASTA *(na posição de flexão dos joelhos, assombrado)*
Se estrangulei ...?

CLAIRE ZAHANASSIAN
Agora, estenda outra vez os braços para trás, senhor ginasta, e, depois, faça a parada de chão.

SCHILL *(rindo)*
A Clara é engraçadíssima! Tem cada uma de se morrer de rir.

(O médico ainda não se refez do seu pasmo.)

O MÉDICO
Não sei! Essas pilhérias me provocam calafrios.

SCHILL *(em voz baixa)*
Ela nos prometeu milhões.

(O burgomestre ficou sem fôlego à notícia, respira profundamente.)

O BURGOMESTRE
Milhões?

SCHILL
Milhões

O MÉDICO
Caramba.

(A milionária afasta-se do ginasta.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Agora, burgomestre, fiquei com fome.

O BURGOMESTRE
Estamos apenas à espera de seu marido, minha senhora.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Não precisa esperar. Está pescando e eu vou me divorciar dele.

O BURGOMESTRE
Divorciar?

CLAIRE ZAHANASSIAN
Também para ele vai ser surpresa. É que me caso com um ator alemão de cinema.

O BURGOMESTRE
Mas a senhora disse que o seu casamento era feliz!

CLAIRE ZAHANASSIAN
Todos os meus casamentos são felizes. Mas o sonho da minha mocidade era casar-me na catedral de Güllen. É preciso realizar os sonhos da mocidade. Vai ser uma cerimônia imponente.

(Todos se sentam. Claire Zahanassian toma lugar entre o burgomestre e Schill. Ao lado de Schill, a senhora Schill e, ao lado do burgomestre, a esposa deste. À direita, atrás de outra mesa, o professor, o pároco e o polícia e, a esquerda, os quatro. Outros convidados de honra, com as respectivas esposas, ao fundo, onde avulta a faixa com "Bem-vinda Clarinha". O burgomestre, radiante, já com o guardanapo atado atrás do pescoço, levanta-se e bate no copo.)

O BURGOMESTRE
Minha senhora, meus caros concidadãos. Faz agora quarenta e cinco anos que a senhora deixou a nossa pequena cidade, a qual, fundada pelo Eleitor Hasso, o Generoso, se estende graciosamente entre a floresta da Fonte Imperial e a baixada de Pückenried. Quarenta e cinco anos, nove lustros, um tempo enorme. Nesse ínterim, muitas coisas aconteceram, muitas coisas dolorosas. O mundo sofreu e nós com ele. Mas, ilustre hóspede, nós nunca esquecemos a senhora — a nossa Clarinha. *(Aplausos)* Nem a senhora nem a sua família. Sua mãe, esplendido exemplo da saúde da raça *(Schill diz-lhe baixinho alguma coisa),* prematuramente vitimada, com pesar de todos, por uma tuberculose pulmonar, e seu pai, tão popular, a quem se deve, perto da estação, uma construção que técnicos e leigos assiduamente visitam *(Schill diz-lhe baixinho alguma coisa)* e muito apreciam, ambos ainda estão vivos na nossa memória, como os melhores e os mais beneméritos dentre nós. E quanto à senhora, quem não a conhecia, quando, louro diabrete *(Schill diz-lhe baixinho alguma coisa),* com suas trancinhas ruivas, fazia algazarra pelas nossas ruas, hoje, infelizmente, em petição de miséria? Já nesse tempo todos sentiam o encanto irresistível da sua

personalidade e pressentiam a futura ascensão aos vertiginosos pináculos da sociedade. *(Puxa do bolso o caderninho de apontamentos.)* Sua figura permaneceu inesquecível. Com efeito. Ainda hoje, os seus trabalhos escolares são apontados aos alunos, como modelo, pelo corpo docente; especialmente, extraordinárias foram suas aptidões nas matérias mais importantes, botânica e zoologia, expressão do seu afeto por tudo o que precisa de proteção. Seu amor à justiça e o seu sentimento da caridade já, então, suscitavam a admiração de vastas camadas do nosso povo. *(Grandes aclamações.)* Para mencionar apenas um de seus gestos caridosos, recordarei como a nossa Clarinha conseguiu comida para uma velha e pobre viúva, comprando batatas com o dinheiro duramente ganho com seu trabalho nas casas dos vizinhos e salvando-a, assim, de morrer de fome. *(Aplausos estrondosos.)* Minha senhora, meus caros concidadãos, a delicada semente de tão feliz disposição germinou vigorosa, a travessa garota de cachinhos ruivos tornou-se uma grande dama, que cumulou o mundo de benefícios; e basta pensar nas suas obras sociais, nas suas maternidades e distribuições de sopa aos pobres, nos seus fundos de auxílio aos artistas, nas suas creches. Por isso, peço que todos se unam a mim no grito de: Viva a nossa Clarinha, viva!

(Vivas e aplausos. Claire Zahanassian levanta-se.)

CLAIRE ZAHANASSIAN

Burgomestre, cidadãos de Güllen. Essa desinteressada alegria pela minha visita me comove em extremo. Para dizer a verdade, eu fui uma menina um pouco diferente de como me pintou o discurso do burgomestre, na escola levei muita pancada e, quanto às batatas para a viúva Boll, eu as roubei, junto com Schill, não para impedir que a velha rufiona morresse de fome, mas, sim, para poder, ao menos uma vez, dormir com Schill numa cama, onde era bem mais cômodo do que na floresta da Fonte Imperial ou no palheiro de Peter. A fim de contribuir, contudo, para a alegria geral, declaro desde já que estou pronta para doar a Güllen a quantia de um bilhão. Quinhentos milhões para a cidade e quinhentos milhões para serem distribuídos entre todas as suas famílias.

(Silêncio mortal.)

O BURGOMESTRE *(gaguejando)*

Um bilhão.

(Todos continuam assombrados.)

CLAIRE ZAHANASSIAN

Com uma condição.

(Todos rompem em indescritíveis manifestações de júbilo. Dançam pela sala, trepam nas cadeiras, o ginasta faz exercícios, etc. Schill, entusiasmado, bate os punhos no peito.)

SCHILL
A nossa Clara! Estupenda! Formidável! Gozadíssima! Cem por cento a minha bruxinha! *(Beija-a.)*

O BURGOMESTRE
A senhora disse: com uma condição. Posso saber qual é a condição?

CLAIRE ZAHANASSIAN
Vou dizer a condição. Eu dou um bilhão à cidade e, com esse dinheiro, compro justiça para mim.

O BURGOMESTRE
Em que sentido deve entender-se isso, minha senhora?

CLAIRE ZAHANASSIAN
Ao pé da letra.

O BURGOMESTRE
Mas justiça não é coisa que se possa comprar.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Pode-se comprar tudo.

O BURGOMESTRE
Continuo não entendendo.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Chegue à frente, Boby.

(O mordomo vem da direita para o meio da cena, entre as três mesas, e tira os óculos escuros.)

O MORDOMO
Não sei se alguém ainda me reconhece?

O PROFESSOR
O juiz de direito Hofer.

O MORDOMO

Isso mesmo. O juiz de direito Hofer. Ha quarenta e cinco anos, eu era juiz de direito em Güllen, de onde passei para o Tribunal de justiça de Kassigen, até que a senhora Zahanassian, já agora faz vinte e cinco anos, me fez a proposta de entrar para o seu serviço como mordomo. Aceitei. Uma carreira, talvez, um tanto estranha, para um magistrado, mas o ordenado da proposta era de tal modo fantástico...

CLAIRE ZAHANASSIAN
Vamos ao que interessa, Boby.

O MORDOMO
Como acabaram de ouvir, a senhora Claire Zahanassian oferece um bilhão em troca de justiça. Noutras palavras, a senhora Claire Zahanassian oferece a importância de um bilhão, se for reparada a injustiça de que ela foi vítima em Güllen. Senhor Schill, por favor.

(Schill levanta-se pálido, assustado e admirado do mesmo passo.)

SCHILL
Que quer de mim?

O MORDOMO
Chegue à frente, senhor Schill.

SCHILL
Pois não. *(Vai colocar-se à frente da mesa da direita. Ri embaraçado. Dá de ombros.)*

O MORDOMO
Foi no ano de 1910[2]. Eu era juiz de direito em Güllen e tive de julgar um caso de investigação de paternidade. Claire Zahanassian, naquele tempo Clara Waescher, acusava o senhor de ser o pai da criança que ela ia dar à luz, senhor Schill.

(Schill fica calado.)

O MORDOMO
Naquela ocasião, o senhor contestou essa paternidade, senhor Schill. O senhor trouxe duas testemunhas.

SCHILL
Uma velha história. Eu era jovem e leviano.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Toby e Roby, tragam para a frente Koby e Loby.

(Os dois monstros mascadores de chiclete trazem para o meio da cena os dois eunucos, que se seguram alegremente pela mão.)

OS DOIS
Estamos aqui, estamos aqui.

O MORDOMO
Reconhece esses dois indivíduos, senhor Schill?

(Schill permanece calado.)

OS DOIS
Somos Koby e Loby, somos Koby e Loby.

SCHILL
Não os conheço.

OS DOIS
Estamos mudados, estamos mudados.

O MORDOMO
Digam seus nomes.

KOBY
Jacó Hühnlein, Jacó Hühnlein

LOHY
Ludwig Sparr, Ludwig Sparr.

O MORDOMO
E agora, senhor Schill?

SCHILL
Não sei quem sejam.

O MORDOMO
Jacó Hühnlein e Ludwig Sparr, reconhecem o senhor Schill?

OS DOIS

Estamos cegos, estamos cegos.

O MORDOMO
Não o reconhecem pela voz?

OS DOIS
Pela voz, sim, pela voz, sim.

O MORDOMO
Em 1910, eu era juiz e vocês as testemunhas. Que foi que vocês juraram, Ludwig Sparr e Jacó Hühnlein, diante do tribunal de Güllen?

OS DOIS
Que tínhamos dormido com Clara, que tínhamos dormido com Clara.

O MORDOMO
Foi isso o que juraram diante de mim. Diante do tribunal. Diante de Deus. Era a verdade?

OS DOIS
Juramos falso, juramos falso.

O MORDOMO
Por quê, Ludwig Sparr e Jacó Hühnlein?

OS DOIS
Schill nos pagou para isso, Schill nos pagou para isso.

O MORDOMO
Com que foi que ele os pagou?

OS DOIS
Com um litro de aguardente, com um litro de aguardente.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Agora contem o que foi que eu fiz com vocês.

O MORDOMO
Contem.

OS DOIS
Ela mandou nos procurar, ela mandou nos procurar.

O MORDOMO
Exatamente. Claire Zahanassian mandou procurá-los. No mundo inteiro. Jacó Hühnlein tinha emigrado para o Canadá e Ludwig Sparr, para a Austrália. Mas ela os achou. Que fez ela então com vocês?

OS DOIS
Entregou a Roby e Toby. Entregou a Roby e Toby.

O MORDOMO
E que foi que Toby e Roby fizeram com vocês?

OS DOIS
Caparam e cegaram, caparam e cegaram.

O MORDOMO
A história é essa: um juiz, um acusado, duas testemunhas falsas e um erro judiciário, no ano de 1910. Não é assim, queixosa?

(Claire Zahanassian levanta-se)

CLAIRE ZAHANASSIAN
É assim.

SCHILL *(batendo o pé no chão)*
Prescreveu, prescreveu tudo há muito tempo! Uma velha história absurda!

O MORDOMO
Que aconteceu com a criança, queixosa?

CLAIRE ZAHANASSIAN (em voz baixa)
Viveu somente durante um ano.

O MORDOMO
E que aconteceu com a senhora?

CLAIRE ZAHANASSIAN
Virei mulher da vida.

O MORDOMO
Por que motivo?

CLAIRE ZAHANASSIAN
É o que tinha feito de mim a sentença do tribunal.

O MORDOMO

E agora, Claire Zahanassian, a senhora quer justiça?

CLAIRE ZAHANASSIAN

É um luxo que me posse dar. Um bilhão para Güllen, se alguém matar Alfredo Schill.

(Silêncio mortal. A senhora Schill corre para Schill e o aperta contra si.)

A SENHORA SCHILL

Alfredo!

SCHILL

Bruxinha, você não pode pedir isso! A vida continuou, passaram-se tantos anos!

CLAIRE ZAHANASSIAN

A vida continuou, passaram-se tantos anos, mas eu não esqueci, Schill. Nem a floresta da Fonte Imperial nem o palheiro de Peter nem o quarto de dormir da viúva Boll e nem a sua traição. Agora, ambos estamos velhos, você todo encarquilhado, eu retalhada pela faca da cirurgia plástica, e agora quero acertar as nossas contas: você escolheu a sua vida e me forçou a aceitar a minha. Ainda há pouco, na floresta da nossa juventude, tão marcada pelo efêmero, você desejou que o tempo tivesse parado. Pois, agora eu o fiz recuar e agora quero justiça, justiça em troca de um bilhão.

(O burgomestre levanta-se, pálido, muito digno.)

O BURGOMESTRE

Senhora Zahanassian! Nós ainda estamos na Europa, ainda não nos tornamos pagãos. Em nome da cidade de Güllen, recuso a sua oferta. Em nome da humanidade. Preferimos continuar pobres a nos manchar de sangue.

(Aplausos estrondosos)

CLAIRE ZAHANASSIAN

Está bem, eu espero.

ATO II

A vila. Apenas indicada. Ao fundo, o Hotel do Apóstolo de Ouro. Visto de fora. Fachada, em mau estado, Jugendstil[3]. *Uma varanda. À direita, um*

letreiro: "Alfredo Schill, Armazém". Por baixo, um sujo balcão de vendas e, atrás, uma prateleira com velhas mercadorias. Quando alguém transpõe a porta imaginária da loja, ouve-se um leve toque de campainha. A esquerda, outro letreiro: "Polícia": Por baixo, uma mesa de madeira com um telefone. Duas cadeiras. De manhã. Roby e Toby, mascando chiclete, trazem da esquerda e levam para o hotel, cruzando a cena, coroas e flores, como para um enterro. Schill os observa pela janela. Sua filha está ajoelhada, limpando o chão. Seu filho põe um cigarro na boca.

SCHILL
Coroas.

O FILHO
Todos os dias as trazem da estação.

SCHLLL
Para o caixão de defunto vazio do Apóstolo de Ouro.

O FILHO
Não intimidam ninguém.

SCHILL
A cidade está do meu lado.

(O filho acende o cigarro.)

SCHILL
Sua mãe vai descer para o café com leite?

A FILHA
Diz que fica lá em cima, que está cansada.

SCHILL
Vocês têm uma boa mãe, meus filhos. Realmente. É preciso reconhecê-lo. Uma boa mãe. É melhor que fique lá em cima, que se poupe. Vamos nós três tomar o café juntos. Há muito que não o fazemos. Eu entro com uns ovos e uma lata de presunto americano. Vamos nos tratar regiamente. Como nos bons tempos, quando a Fundição Sol Nascente trabalhava a pleno rendimento.

O FILHO
Você vai me dar licença, pai. *(Apaga o cigarro.)*

SCHILL
Não quer comer com a gente, Walter?

O FILHO
Vou até a estação. Um dos trabalhadores está doente. Talvez precisem de substituto.

SCHILL
Trabalho na estação, sob o sol escaldante, não é emprego para meu filho.

OFILHO
Melhor do que nada. *(Vai-se embora. A filha levanta-se.)*

A FILHA
Eu também vou, pai.

SCHILL
Ah! Você também. E aonde vai, se posso fazer esta pergunta à minha ilustre filha?

A FILHA
Ao Departamento de Empregos. Talvez haja alguma vaga.

(A filha vai-se embora. Schill está comovido, assoa o nariz com o lenço.)

SCHILL
Bons meninos, corajosos.

(Da varanda, chegam alguns acordes de guitarra.)

A VOZ DE CLAIRE ZAHANASSIAN
Boby, passe-me a minha perna esquerda.

A VOZ DO MORDOMO
Não consigo encontrá-la, madame.

A VOZ DE CLAIRE ZAHANASSIAN
Em cima do camiseiro, atrás das flores do noivado.

(Chega o primeiro freguês, o Primeiro, à loja de Schill.)

SCHILL
Bom dia, Hofbauer.

O PRIMEIRO
Cigarros.

SCHILL
Como todas as manhãs.

O PRIMEIRO
Esses, não. Áriston, ponta de cortiça.

SCHILL
São mais caros.

O PRIMEIRO
Ponha na conta.

SCHILL
Porque é você, Hofbauer, e porque precisamos de nos manter unidos.

O PRIMEIRO
Estão tocando guitarra.

SCHILL
Um dos gângsteres de Sing-Sing.

(Saindo do hotel, vêm os dois cegos, trazendo caniços e outros apetrechos de pesca)

OS DOIS
Linda manhã, Alfredo, linda manhã.

SCHILL
Vão para o diabo que os carregue.

OS DOIS
Vamos pescar, vamos pescar. *(Saem à esquerda.)*

O PRIMEIRO
Estão indo para o riacho.

SCHILL
Com os caniços de pesca do sétimo marido.

O PRIMEIRO
Parece que ele perdeu suas plantações de fumo.

SCHILL
Que agora também pertencem à milionária.

O PRIMEIRO
Em compensação, vai haver um casamento de arromba com o oitavo marido. O noivado oficial foi celebrado ontem.

(Na varanda, ao fundo, aparece Claire Zahanassian, de penhoar. Move a mão direita, a perna esquerda. Tudo isso, talvez, com alguns acordes dedilhados na guitarra, que acompanhem a continuação desta cena da varanda um pouco como nos recitativos das óperas e, conforme o sentido do texto, ora valsa, ora trechos de vários hinos nacionais, etc.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Terminei minha montagem. Roby, a toada popular armênia.

(Uma melodia de guitarra.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
A música preferida de Zahanassian. Queria ouvi-la sempre. Todas as manhãs. Era um homem e tanto, o velho colosso das finanças, com sua inumerável frota de petroleiros e suas coudelarias. Ainda tinha milhões. Ainda valia a pena um casamento com ele. Era um mestre em dançar na corda bamba, um perito em todas as artes do diabo; tudo o que eu sei, aprendi dele.

(Chegam duas mulheres. Entregam a Schill suas vasilhas do leite.)

PRIMEIRA MULHER
Leite, senhor Schill.

SEGUNDA MULHER
Minha vasilha, senhor Schill.

SCHILL
Muito bom dia. Um litro de leite para cada uma. *(Abre uma vasilha de leite e quer tirar leite dela.)*

PRIMEIRA MULHER
Leite integral, senhor Schill.

SEGUNDA MULHER
Dois litros de leite integral.

SCHILL
Leite integral. *(Vai buscar leite noutra vasilha.)*

(Claire Zahanassian contempla a manhã com seu lornhão)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Linda manhã de outono. Uma leve neblina nas ruas, uma névoa prateada e, lá em cima, um céu azul-violeta, como os que pintava o conde Holk, o meu terceiro marido, o ministro do Exterior, que gostava de pintar nas férias. Sua pintura era horrorosa. *(Senta.se com dificuldade.)* O conde todo era horroroso.

PRIMEIRA MULHER
E manteiga. Duzentos gramas.

SEGUNDA MULHER
E pão de sanduíche. Dois quilos.

SCHILL
Alguma herança, hem?

AS DUAS MULHERES
Ponha na conta.

SCHILL
Todos por um e um por todos.

PRIMEIRA MULHER
E mais dois e vinte de chocolate.

SEGUNDA MULHER
Quatro e quarenta.

SCHILL
Também para pôr na conta.

PRIMEIRA MULHER
Também.

SEGUNDA MULHER
O chocolate, vamos comê-lo aqui mesmo.

PRIMEIRA MULHER
Para isso, não há nada como a sua loja, senhor Schill.

(Sentam-se ao fundo da loja e comem o chocolate.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Um Winston. Quero experimentar, uma vez, a marca do meu sétimo marido, agora que me divorciei dele, pobre Moby com a sua paixão da pesca. Deve estar muito triste, no trem rápido que o leva a Portugal.

(O mordomo oferece-lhe um charuto, dá-lhe fogo)

O PRIMEIRO
Lá está ela sentada na varanda, soltando baforadas do seu charuto.

SCHILL
Sempre marcas caras como o diabo.

O PRIMEIRO
É o que se chama esbanjar dinheiro. Deveria ter vergonha, diante de uma humanidade reduzida à miséria.

CLAIRE ZAHANASSIAN (fumando)
Esquisito. Não é nada ruim.

SCHILL
Ela faz mal os seus cálculos. Eu sou um velho pecador, Hofbauer, quem não o é? A peça que lhe preguei, quando éramos jovens, foi um pouco forte,

realmente; mas, quando, no Apóstolo de Ouro, todos recusaram a sua proposta. o povo de Güllen, à unanimidade, apesar da miséria, aquele foi o mais belo momento da minha existência.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Boby, uísque. Puro.

(Chega um segundo freguês, o Segundo, pobre e maltrapilho, como todos.)

O SEGUNDO
Bom dia. Hoje vai fazer calor.

O PRIMEIRO
O tempo bom continua.

SCHILL
Que animação, esta manhã. Em geral, isto aqui vivia às moscas e agora, de uns dias para cá, a freguesia não pára.

O PRIMEIRO
É que estamos todos do seu lado. Do lado do nosso Schill. Firmes como rocha.

AS MULHERES (comendo chocolate)
Firmes como rocha.

O SEGUNDO
Afinal de contas, você é a pessoa mais querida da cidade.

O PRIMEIRO
A mais importante.

O SEGUNDO
Na primavera, vai ser eleito burgomestre.

O PRIMEIRO
Nem se discute.

AS MULHERES (comendo chocolate)
Nem se discute, senhor Schill, nem se discute.

O SEGUNDO
Uma garrafa da boa.

(Schill apanha uma garrafa na prateleira. O mordomo serve uísque.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Vá acordar meu noivo. Não gosto de ter maridos que durmam até tão tarde.

SCHILL
Três e dez.

O SEGUNDO
Essa, não.

SCHILL
É a que você sempre bebe.

O SEGUNDO
Quero é conhaque.

SCHILL
Custa vinte e trinta e cinco. Ninguém pode se permitir uma despesa dessas.

O SEGUNDO
Ora, a gente também precisa gozar um pouco a vida.

(Uma moça seminua cruza a cena correndo, Toby no seu encalço.)

PRIMEIRA MULHER (comendo chocolate)
Uma pouca-vergonha, como a Luisa está se portando.

SEGUNDA MULHER (comendo chocolate)
E dizer que é noiva do músico louro da Rua Berthold Schwarz.

(Schill tira da estante a garrafa de conhaque.)

SCHILL
Tome.

O SEGUNDO
E fumo de cachimbo.

SCHILL
Bem.

O SEGUNDO
De importação.

(Schill faz a conta da despesa toda. Na varanda, aparece o marido n.^{0} 8, ator de cinema, alto, magro, bigode ruivo, de robe de chambre. Pode ser interpretado pelo mesmo ator que fez o papel do marido n.^{0} 7.)

MARIDO N.^{0} 8
Não é maravilhoso, meu amor: o nosso primeiro café com leite, depois de noivos? Parece um sonho. Uma pequena varanda, o vento sussurrando nas folhas de uma tília, o gorgolejo do chafariz da prefeitura, algumas galinhas cruzando a rua, donas de casa tagarelando, num ponto qualquer, com seus pequenos problemas domésticos e, por cima dos telhados, a torre da catedral!

CLAIRE ZAHANASSIAN
Sente-se, Hoby, e cale a boca. A paisagem eu vejo sozinha e pensar não é o seu forte.

O SEGUNDO
Agora também o futuro marido está lá em cima.

PRIMEIRA MULHER (comendo chocolate)
O oitavo.

SEGUNDA MULHER (comendo chocolate)
Um bonito homem, ator de cinema. Minha filha o viu fazendo o vilão numa fita de espionagem.

PRIMEIRA MULHER
E eu, num papel de padre, num filme tirado de um livro de Graham Greene.

(Claire Zahanassian é *beijada pelo marido n.^{0} 8. Acorde de guitarra.)*

O SEGUNDO
Pois é, com dinheiro a pessoa pode obter tudo. *(Cospe.)*

O PRIMEIRO
Não na nossa terra. *(Bate o punho na mesa.)*

SCHILL
Vinte e três e oitenta.

O SEGUNDO
Ponha na conta.

SCHILL
Por esta semana, vou abrir uma exceção. Mas você tem de me pagar no dia primeiro, quando receber seu subsídio de desemprego.

(O Segundo encaminha-se na direção da porta..)

SCHILL
Helmesberger!

(O Segundo pára. Schill aproxima-se dele.)

SCHLLL
Você está de sapato novo. Sapato novo marrom.

O SEGUNDO
E daí?

(Schill olha para os pés do Primeiro.)

SCHILL
Você também, Hofbauer. Você também está de sapato novo. *(Olha para as mulheres, aproxima-se delas, devagar, alarmado.)* Também as senhoras. Sapato novo marrom. Sapato novo marrom.

OSEGUNDO
Afinal, não se pode andar a vida inteira com os sapatos velhos.

O PRIMEIRO
Não sei o que você vê nisso de extraordinário.

SCHILL
Sapato novo. Como é que puderam comprar sapato novo?

AS MULHERES
Compramos fiado, senhor Schill, compramos fiado.

SCHILL
Compraram fiado. Também comigo compraram fiado. Cigarros melhores, fumo importado, leite integral, conhaque. Por que, de repente, conseguem crédito nas lojas de comércio?

O SEGUNDO
Você também nos fez crédito.

SCHILL
Com que dinheiro vão pagar?

(Silêncio. Ele começa a bombardear a freguesia, arremessando mercadorias. Todos fogem.)

SCHILL
Com que dinheiro vão pagar? Com que dinheiro vão pagar? Com que dinheiro? Com que dinheiro? *(Sai correndo atrás deles, pelo fundo.)*

MARIDO N.º 8
Há barulho na vila.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Vida de aldeola.

MARIDO N.º 8
Parece que aconteceu alguma coisa na loja, lá embaixo.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Vai ver que estão brigando por causa do preço da carne.

(Violento acorde de guitarra. O marido n.º 8 dá um pulo de susto.)

MARIDO N.º 8
Pelo amor de Deus, meu bem! Você ouviu?

CLAIRE ZAHANASSIAN
A pantera preta. Rugiu.

MARIDO N.º 8 *(espantado)*
Uma pantera preta.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Presente do paxá de Marrakesch. Está passeando no quarto ao lado deste. Um grande gato feroz, com os olhos lançando faíscas. Gosto muito dela.

(À mesa da esquerda, senta-se o polícia. Bebe cerveja. Fala de modo lento e circunspecto. Do fundo, chega Schill.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Pode servir, Boby.

O POLÍCIA
Que deseja, senhor Schill? Sente se.

(Schill fica de pé.)

O POLÍCIA
O senhor está tremendo.

SCHILL
Peço a prisão de Claire Zahanassian.

(O polícia enche o cachimbo, acende-o com toda a pachorra.)

O POLÍCIA
Curioso. Muito curioso.

(O mordomo serve o pequeno almoço, traz o correio.)

SCHILL
Estou pedindo isso na qualidade de futuro burgomestre.

O POLÍCIA *(soltando grandes bafora das de fumaça.)*
Ainda não houve a eleição.

SCHILL
Prenda a milionária imediatamente.

O POLÍCIA
Devagar. O que o senhor quer dizer é que tenciona denunciar a milionária. Se, depois, ela vai ser presa ou não, quem decide é a polícia. Ela cometeu algum crime?

SCHILL
Incitou a população a me matar.

O POLÍCIA
E eu deveria prendê-la, assim sem mais nem menos. *(Serve-se de cerveja..)*

CLAIRE ZAHANASSIAN
O correio. Ike escreveu, mandando felicitações. Nehru também.[4]

SCHILL
É o seu dever.

O POLÍCIA
Curioso. Muito curioso. *(Bebe cerveja.)*

SCHILL
A coisa mais natural deste mundo.

O POLÍCIA
Meu caro senhor Schill, tão natural assim é que não é. Examinemos os fatos, sem paixão. A velha senhora fez à cidade de Güllen a proposta de dar um bilhão, se alguém — bem, já sabe o que quero dizer. Isso confere, eu estava presente. Mas ainda não é motivo para a polícia tomar medidas contra a senhora Zahanassian. Afinal de contas, estamos subordinados às leis.

SCHILL
Instigação ao homicídio.

O POLÍCIA
Escute, senhor Schill. Instigação ao homicídio haveria somente se a proposta de assassinar o senhor fosse feita a sério. É claro?

SCHILL
Também acho.

O POLÍCIA
Justamente. Ora, a proposta não é possível que fosse feita a sério, porque o preço de um bilhão é exagerado, o senhor mesmo há de admitir, por uma coisa

dessas oferecem-se mil, quando muito dois mil, mais é que não, com toda a certeza, pode botar sua mão no fogo. Isso prova, mais uma vez, que a proposta não foi feita a sério, e que, se tivesse sido feita a sério, a polícia não poderia levar a sério a velha senhora, por que, então, ela estaria doida. Pegou?

SCHILL

Que ela esteja ou não esteja doida, é a mim que a proposta ameaça, senhor cabo. Isso, sim, que é lógico.

O POLÍCIA

Não é lógico, não senhor. O senhor não pode ser ameaçado por uma proposta, mas somente pela concretização de uma proposta. Mostre-me uma tentativa real de concretizar essa proposta, não sei, um homem que aponte a espingarda contra o senhor, e eu entro em ação mais depressa do que o diabo esfrega um olho. Mas, justamente, essa proposta é que ninguém quer concretizar. Ao contrário. A manifestação no Apóstolo de Ouro foi extremamente impressionante. Por sinal que, embora com atraso, quero lhe dar os meus parabéns. *(Bebe cerveja.)*

SCHILL

Não tenho muita certeza disso.

O POLÍCIA

Não tem certeza?

SCHILL

Meus fregueses estão comprando leite melhor, pão melhor, cigarros melhores.

O POLÍCIA

Alegre-se, homem! Aí, vão melhorar os seus negócios. *(Bebe cerveja.)*

CLAIRE ZAHANASSIAN

Boby, mande açambarcar por minha conta as ações da Dupont.

SCHILL

Conhaque, comprou o Helmesberger na minha loja. E são anos que não ganha nada e vive da distribuição de sopa aos pobres.

O POLÍCIA

Eu vou provar o conhaque hoje à noite. Helmesberger me convidou para ir à casa dele. *(Bebe cerveja.)*

SCHILL

Toda a gente está de sapato novo. Sapato novo marrom.

O POLÍCIA
Gostaria de saber o que é que o senhor tem contra sapato novo. Afinal, eu também estou usando sapato novo. *(Mostra os pés.)*

SCHILL
O senhor também.

O POLÍCIA
Como vê.

SCHILL
Também marrom. E está bebendo cerveja de Pilsen.

O POLÍCIA
É gostosa.

SCHILL
Antigamente bebia a nacional!

O POLÍCIA
Boa droga.

(Música de rádio.)

SCHILL
Ouça.

O POLÍCIA
Que é?

SCHILL
Música.

O POLÍCIA
A Viúva Alegre.

SCHILL
Um rádio.

O POLÍCIA
É aqui ao lado, na casa de Hagholzer. Deveriam é fechar a janela, para não

importunar os vizinhos. *(Toma nota da infração em seu caderninho de apontamentos.)*

SCHILL
De que jeito Hagholzer conseguiu um aparelho de rádio?

O POLÍCIA
Isso é lá com ele.

SCHILL
E o senhor, cabo Hahncke, com que pretende pagar sua cerveja de Pilsen e seu sapato novo?

O POLÍCIA
Isso é cá comigo.

(O telefone em cimo da mesa toca. O polícia atende.)

O POLÍCIA
Distrito policial de Güllen.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Boby, telefone aos russos que concordo com a proposta deles.

O POLÍCIA
Perfeitamente. *(Pousa o fone no gancho.)*

SCHILL
E os meus fregueses, com que dinheiro vão pagar?

O POLÍCIA
A polícia não tem nada com isso. *(Levanta-se e pega a espingarda no encosto da cadeira.)*

SCHILL
Mas eu tenho. Porque é com a minha pessoa que eles vão pagar**.**

O POLÍCIA
Ninguém o está ameaçando. *(Começa a carregar a espingarda.)*

SCHILL
A cidade contrai dívidas. Com as dívidas, aumenta o bem-estar. E, com o bem-

estar, a necessidade de me matarem. Assim, a milionária não precisa fazer outra coisa senão ficar sentada na sua varanda, tomar café, fumar charutos e esperar. Somente esperar.

O POLÍCIA
O senhor imagina coisas.

SCHILL
Todos estão esperando. *(Bate na mesa.)*

O POLÍCIA
O senhor andou é abusando de aguardente. *(Maneja a espingarda.)* Bem, agora está carregada. O senhor pode ficar descansado. A polícia está aí para fazer respeitar as leis, assegurar a ordem e proteger os cidadãos. Ela sabe qual é o seu dever. Se aparecer a mais leve suspeita de ameaça, seja lá onde for, venha de quem vier, ela agirá. Senhor Schill, quanto a isso, não tenha dúvidas.

SCHILL *(em voz baixa)*
Por que, então, cabo Hahncke, o senhor tem um dente de ouro na boca?

O POLÍCIA
Hem?

SCHILL
Um dente de ouro novinho em folha.

O POLÍCIA
Está louco, é?

(Agora, Schill percebe que o cano da espingarda está apontando contra ele e levanta lentamente as mãos.)

O POLÍCIA
Homem, não tenho tempo para ficar discutindo as suas idéias fixas. Preciso ir. A maluca da milionária deixou fugir seu gatinho de estimação. A pantera preta. É preciso caçá-la. *(Sai pelo fundo.)*

SCHILL
É a mim que estão caçando, a mim.

(Claire Zahanassian lê uma carta.)

CLAIRE ZAHANASSIAN

O grande costureiro diz que vem. O meu quinto marido, o mais bonito dos meus maridos. Foi ele quem desenhou todos os meus vestidos de noiva. Boby, um minueto.

(Minueto tocado na guitarra.)

MARIDO N.º 8

Mas o seu quinto marido era cirurgião.

CLAIRE ZAHANASSIAN

O sexto. *(Abre outra carta.)* Do antigo proprietário de Western Railways.

MARIDO N.º 8 *(surpreso)*

Desse, não tenho a menor idéia.

CLAIRE ZAHANASSIAN

Foi o meu quarto marido. Arruinado. Suas ações, agora, são minhas. Seduzi-o no Palácio de Buckingham.

MARIDO N.º 8

Mas isso foi com Lord lsmael.

CLAIRE ZAHANASSIAN

É verdade. Você tem razão, Hoby. Com todo o seu castelo no Yorkshire, eu não me lembrava mais dele. Então, a carta é do meu segundo. Conheci-o no Cairo. Trocamos beijos debaixo da Esfinge. Foi uma noite inesquecível.

(Mudança de cena á direita. Desce o letreiro: "Prefeitura". Chega o Terceiro, leva embora a caixa registradora da loja e dispõe de modo diferente o balcão de vendas, que, agora, pode utilizar-se como secretária. Chega o burgomestre. Pousa um revólver em cima da secretária, senta-se. Da esquerda, chega Schill. Na parede está pendurado um projeto de construção)

SCHILL

Preciso falar com o senhor.

O BURGOMESTRE

Sente- se.

SCHILL
De homem para homem. Como seu sucessor.

O BURGOMESTRE
Pois não.

(Schill fica em pé, olha para o revólver.)

O BURGOMESTRE
A pantera da senhora Zahanassian fugiu. Foi vista no interior da catedral. Aí, é preciso andar armado.

SCHILL
Certamente.

O BURGOMESTRE
Convoquei todos os homens que possuem armas de fogo. As crianças ficaram retidas na escola.

SCHILL *(desconfiado)*
Um aparato um tanto excessivo.

O BURGOMESTRE
Caçada de animal feroz.

(Chega o mordomo.)

O MORDOMO
Madame, o presidente do Banco Mundial. Acaba de chegar, com o avião de Nova York.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Não estou em casa para ninguém. Que tome o avião de volta.

O BURGOMESTRE
Há qualquer coisa que o apoquenta, Schill? Descarregue o coração, livremente.

SCHILL (*desconfiado)*
O senhor está fumando uma boa marca.

O BURGOMESTRE
Pégaso, fumo claro.

SCHILL
Meio caros.

O BURGOMESTRE
Mas, ao menos, decentes.

SCHILL
Antigamente, o senhor burgomestre fumava outra marca.

O BURGOMESTRE
Bernina número cinco.

SCHILL
Mais baratos.

O BURGOMESTRE
Um fumo forte demais.

SCHILL
Gravata nova.

O BURGOMESTRE
Seda pura.

SCHILL
E sapatos também comprou, não é?

OBURGOMESTRE
Mandei vir de Kalberstadt. Engraçado, como é que sabe?

SCHILL
Foi por isso que vim aqui.

O BURGOMESTRE
Mas que há com você? Está pálido. Doente?

SCHILL
Estou com medo.

O BURGOMESTRE
Medo?

SCHILL
O bem-estar aumenta.

O BURGOMESTRE
Para mim, é novidade. Seria ótimo.

SCHILL
Peço a proteção das autoridades.

O BURGOMESTRE
É boa. Por quê?
SCHILL
Isso o senhor burgomestre já sabe.

O BURGOMESTRE
Que desconfiado!

SCHILL
Minha cabeça foi posta a prêmio por um bilhão.

O BURGOMESTRE
Dirija-se á polícia.

SCHILL
Estive na polícia.

O BURGOMESTRE
Isso deve tê-lo tranqüilizado.

SCHILL
Na boca do cabo Hahncke brilha um novo dente de ouro.

O BURGOMESTRE
Você esquece que está em Güllen. Numa cidade de tradições humanistas. Onde Goethe passou uma noite e Brahms compôs um quarteto. Esses valores criam obrigações morais.

(Da esquerda, entra um homem, o Terceiro, com uma máquina de escrever.)

O TERCEIRO
A nova máquina de escrever, senhor burgomestre. Uma Remington do último modelo.

O BURGOMESTRE
Ponha no escritório.

(O homem sai á direita.)

O BURGOMESTRE
Não merecemos a sua ingratidão. Se você não tem confiança no nosso município, só posso lastimá-lo. Nunca esperei essa atitude anarquista. Afinal, vivemos sob o império da lei.

SCHILL
Então, prenda a milionária.

O BURGOMESTRE
Curioso. Muito curioso.

SCHILL
Isso o cabo Hahncke também disse.

O BURGOMESTRE
O procedimento da velha senhora, meu Deus, não é assim tão incompreensível. Afinal de contas, você instigou dois rapazes a jurar falso e lançou uma jovem na mais negra miséria.

SCHJLL
Essa negra miséria sempre representa muitos milhões, senhor burgomestre.

(Silêncio.)

O BURGOMESTRE
Vamos falar francamente.

SCHILL
Não quero outra coisa.

O BURGOMESTRE
De homem para homem, como você pediu. Você não tem o direito moral de pretender a prisão da milionária; e, também, tire da cabeça a idéia de se tornar burgomestre. Sinto muito ter de lhe dizer isto.

SCHILL
Oficialmente?

O BURGOMESTRE
Por incumbência dos partidos.

SCHILL
Compreendo. *(Vai lentamente até a janela, à esquerda, voltando as costas para o burgomestre, e olha fixamente para fora.)*

O BURGOMESTRE
O fato de condenarmos a proposta da velha senhora não quer dizer que aprovemos os crimes que estão na origem dessa proposta. Para o cargo de burgomestre requerem-se certas condições de natureza moral, que você não preenche mais, isso você mesmo há de admitir. Quanto ao resto, é claro que conservamos por você a mesma consideração e amizade de antes.

(Da esquerda, Roby e Toby voltam a trazer flores e, cruzando a cena, entram no Hotel do Apóstolo de Ouro.)

O BURGOMESTRE
Sobre isso tudo, porém, o melhor é guardar silêncio. Também á *Tribuna de Güllen* pedi que não publique nada a respeito do caso.

(Schill volta-se.)

SCHILL
Já estão enfeitando o meu caixão, burgomestre! Guardar silêncio é muito perigoso para mim.

O BURGOMESTRE
Como assim, meu caro Schill? Você deveria até ficar agradecido de que se estenda o manto do olvido sobre um fato tão escabroso.

SCHILL
Se falo, ainda tenho a possibilidade de me salvar.

O BURGOMESTRE
É o cúmulo! Mas quem deveria ameaçá-lo?

SCHILL
Um de vós.

(O burgomestre levanta-se.)

O BURGOMESTRE
De quem é que você suspeita? Diga-me o nome e eu abro inquérito. Rigoroso. Doa a quem doer.

SCHILL
De cada um de vós.

O BURGOMESTRE
Em nome da cidade, lavro o mais veemente protesto contra essa calúnia.

SCHILL
Ninguém quer me matar, cada qual tem a esperança de que outro o faça e assim, em certo momento, alguém acabará fazendo-o.

O BURGOMESTRE
Você está vendo fantasmas.

SCHILL
Estou vendo um projeto de construção na parede. O novo prédio da prefeitura? *(Toca o projeto com o dedo.)*

O BURGOMESTRE
Meu Deus do céu, ainda se poderão fazer projetos, pois não?

SCHILL
Já estão especulando sobre a minha morte!

O BURGOMESTRE
Meu caro, se não me assistisse mais o direito, como homem político, de acreditar num futuro melhor, sem ter logo de pensar num crime, renunciaria ao cargo, pode ficar sossegado.

SCHILL
Já me condenaram à morte.

O BURGOMESTRE
Schill!

SCHILL *(em voz baixa)*
Esse projeto é uma prova! Irrefutável!

CLAIRE ZAHANASSIAN
Onassis também vem. O duque e a duquesa. O Aga.

MARIDO N.º 8
E Ali?

CLAIRE ZAHANASSIAN
Toda a cambada da Riviera.

MARIDO N.º 8
E jornalistas?

CLAIRE ZAHANASSIAN
Do mundo inteiro. Sempre que eu me caso, a imprensa não falta. Ela precisa de mim e eu, dela. *(Abre mais outra carta.)* Do conde Holk.

MARIDO N.º 8
Meu bem, é mesmo indispensável que, no primeiro café com leite que tomamos juntos, você fique lendo cartas dos seus antigos maridos?

CLAIRE ZAHANASSIAN
Não quero perder de vista a situação geral.

MARIDO N.º 8 *(magoado)*
Eu também tenho meus problemas. *(Levanta-se, olha fixamente para a vila embaixo.)*

CLAIRE ZAHANASSIAN
O seu Porsche enguiçou?

MARIDO N.º 8
Esse tipo de cidadezinha me deprime. A tília sussurra, os pássaros cantam, o chafariz gorgoleja, está tudo muito bem, mas isso eles já faziam há meia hora. Não acontece nada, nem com a natureza nem com a população, tudo é paz, saciedade, pasmaceira. Nada de grande, nada de trágico. Falta o clima moral que marca as grandes épocas.

(Da esquerda chega o pároco com uma espingarda a tiracolo. Estende sobre a mesa, à qual, antes, estava sentado o polícia, um pano branco com una cruz preta, encosta a espingarda na fachada do hotel. O sacristão o ajuda a pôr a veste talar. A cena mergulha na escuridão.)

O PÁROCO
Venha, Schill, entre na sacristia.

(Schill chega da esquerda.)

O PÁROCO
Aqui é escuro, mas fresquinho.

SCHILL
Não quero incomodar, senhor pároco.

O PÁROCO
A casa de Deus está aberta a todos. *(Nota o olhar de Schill, que fita a espingarda.)* Não se admire de ver essa arma. A pantera preta da senhora Zahanassian anda solta por aí. Ainda há pouco, estava aqui em cima, no forro e, agora, foi para o palheiro de Peter.

SCHILL
Eu preciso da sua ajuda.

O PÁROCO
Contra o quê?

SCHILL
Estou com medo.

O PÁROCO
Medo? De quem?

SCHILL
Dos homens.

O PÁROCO
De que os homens o matem, Schill?

SCHILL
Eles me caçam como um animal feroz.

O PÁROCO
Não se deve temer os homens, mas somente Deus, não a morte do corpo, mas a da alma! Abotoe-me aqui atrás, sacristão.

(Em toda a parte, nas paredes da cena, tornam-

se visíveis os homens de Güllen — primeiro, o polícia e, depois, o burgomestre, os quatro, o pintor, o professor — caminhando cautelosamente, à espreita, as espingardas prontas para atirar.)

SCHILL
Trata-se da minha vida.

O PÁROCO
Da sua vida eterna.

SCHILL
Vejo o bem-estar crescer debaixo dos meus olhos.

O PÁROCO
O fantasma da sua consciência.

SCHILL
O povo anda alegre. As mocinhas se enfeitam. Os rapazes trajam camisas multicores. A cidade se prepara para a festa do meu assassinato e eu morro de pavor.

O PÁROCO
O que o senhor sente é um fato positivo.

SCHILL
É o inferno.

O PÁROCO
O inferno está na sua alma. O senhor é mais velho do que eu e julga que conhece os homens, mas ninguém conhece senão a si mesmo. Porque o senhor, há muitos anos, atraiçoou uma moça por dinheiro, acredita que agora também os homens o atraiçoariam por dinheiro. Tira de si conclusões para os outros. Nada mais natural. A razão do nosso temor acha-se no nosso próprio coração, no nosso próprio pecado. Se reconhecer isto, o senhor terá conquistado as armas com as quais vencer aquilo que o atormenta.

SCHILL
Os Siemethofer compraram uma máquina de lavar roupa.

O PÁROCO
Não pense nisso.

SCHILL
A crédito.

O PÁROCO
Pense na imortalidade da alma.

SCHILL
E os Stocker, um aparelho de televisão.

O PÁROCO
Reze! Sacristão, o peitilho. *(O sacristão amarra o peitilho em torno do pescoço do pároco.)* Faça um exame de consciência. Siga o caminho da contrição, se não quer que o mundo continue a alimentar o fogo do seu medo. É o único caminho. Nada mais podemos fazer.

(Silêncio. Os homens armados de espingarda tornam a desaparecer. São apenas sombras á margem da cena. O sino de tocar a rebate começa a repicar.)

O PÁROCO
E agora, Schill, devo exercer o meu santo ministério, tenho um batizado. A Bíblia, sacristão, os objetos litúrgicos, o Livro dos Salmos. A criança começa a chorar, é preciso protegê-la, colocando-a sob a única luz que ilumina o nosso mundo.

(Um segundo sino começa a repicar.)

SCHILL
Um segundo sino.

O PÁROCO
Não é? Um som estupendo. Cheio, robusto. É fato.

SCHILL *(gritando)*
O senhor também, pároco! O senhor também.

(O pároco atira-se sobre Schill e o cinge com seus braços.)

O PÁROCO
Fuja! Cristãos ou pagãos, somos todos fracos. Fuja! O sino está troando em Güllen, o sino da traição. Fuja, não nos faça cair em tentação, ficando aqui.

(Ouvem-se dois tiros. Schill cai ao rolo, o pároco põe-se de cócoras junto dele.)

O PÁROCO
Fuja! Fuja!

CLAIRE ZAHANASSIAN
Boby, estão atirando.

O MORDOMO
Com efeito, madame.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Mas por quê?

O MORDOMO
A pantera fugiu.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Os tiros acertaram nela?

O MORDOMO
Está morta diante da loja de Schill.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Coitado do bichinho. Roby, uma marcha fúnebre.

(Marcha fúnebre tocada pela guitarra. A varanda desaparece. Toque de sineta da estrada de ferro. Cena como no começo do primeiro ato. A estação. Só o horário da parede é novo e, num ponto qualquer, foi afixado um grande cartaz com um deslumbrante sol amarelo: "Visitem o Sul". Outro cartaz: "Assistam às representações da Paixão de Oberammergau". Ao fundo, notam-se, também, alguns guindastes, no meio das casas, bem como alguns telhados novos. A barulheira ensurdecedora de um trem rápido passando a toda velocidade. Diante da estação, o chefe da estação, fazendo continência. Do fundo chega Schill, trazendo na mão pequena maleta, e olha em derredor. Devagar e como que casualmente,

chegam, de todos os lados, os habitantes de Güllen. Schill hesita, pára)

O BURGOMESTRE
Bom dia, Schill.

TODOS
Bom dia! Bom dia!

SCHILL *(hesitando)*
Bom dia.

O PROFESSOR
Para onde vai, com essa maleta?

TODOS
Para onde vai?

SCHILL
Para a estação.

O BURGOMESTRE
Vamos acompanhá-lo.

TODOS
Vamos acompanhá-lo! Vamos acompanhá-lo!

(O número de habitantes aumenta cada vez mais.)

SCHILL
Não devem, realmente. Não vale a pena.

OBURGOMESTRE
Está de viagem, Schill?

SCHILL
Estou.

O POLÍCIA
E para onde?

SCHILL
Não sei. Primeiro, para Kalberstadt e, depois, para mais longe.

O PROFESSOR
Ah! E, depois, para mais longe.

SCHILL
De preferência, para a Austrália. Sempre hei de encontrar um modo de arranjar o dinheiro da viagem. *(Torna a caminhar em demanda da estação.)*

TODOS
Para a Austrália! Para a Austrália!

O BURGOMESTRE
Mas para que isso?

SCHILL
Afinal de contas, não se pode viver eternamente no mesmo lugar, entra ano, sai ano. *(Começa a correr, alcança a estação. Os outros o seguem lentamente, rodeando-o.)*

O BURGOMESTRE
Emigrar para a Austrália. É ridículo.

O MÉDICO
E, no seu caso, o que pode haver de mais perigoso.

O PROFESSOR
Também um dos dois pequenos eunucos. afinal, tinha emigrado para a Austrália.

O POLÍCIA
O lugar mais seguro para o senhor é aqui mesmo.

TODOS
É aqui mesmo, é aqui mesmo.

(Schill olha apavorado a seu redor, como um animal acuado.)

SCHILL *(em voz baixa)*
Escrevi ao representante do governo, em Kassigen.

O POLÍCIA
E então?

SCHILL
Não tive resposta.

O PROFESSOR
A sua desconfiança é inconcebível.

O BURGOMESTRE
Ninguém o quer matar.

TODOS
Ninguém, ninguém.

SCHILL
O correio não remeteu a carta.

O PINTOR
Impossível.

O BURGOMESTRE
O funcionário do correio é membro do Conselho municipal.

O PROFESSOR
É um homem de bem.

TODOS
Um homem de bem! Um homem de bem!

SCHILL
Olhem aqui. Um cartaz: “Visitem o Sul”.

O MÉDICO
E daí?

SCHILL
“Assistam às representações da Paixão de Oberammergau”.

O PROFESSOR
E dai?

SCHILL
Novos prédios em construção.

O BURGOMESTRE
E daí?

SCHILL
E todos estão de calças novas.

O PRIMEIRO
E dai?

SCHILL
Tornam-se cada vez mais ricos, vivem cada vez melhor.

TODOS
E dai?

(Toque de sineta.)

O PROFESSOR
O senhor está vendo como todos lhe querem bem.

O BURGOMESTRE
A cidade inteira o acompanhou à estação.

TODOS
A cidade inteira! A cidade inteira!

SCHILL
Eu não pedi que viessem.

O SEGUNDO
Teremos o direito de nos despedir de você, pois não?

O BURGOMESTRE
Como velhos amigos.

TODOS
Como velhos amigos! Como velhos amigos!

(Ruído de trem. O chefe da estação pega o bastão para as sinalizações. Da esquerda aparece

um condutor, como se acabasse de saltar do trem.)

O CONDUTOR DO TREM *(num grito arrastado)*
Güllen!

O BURGOMESTRE
Aí está o seu trem.

TODOS
O seu trem! O seu trem!

O BURGOMESTRE
Bem, Schill, desejo-lhe uma boa viagem.

TODOS
Boa viagem! Boa viagem!

O MÉDICO
E que a vida continue a lhe sorrir!

TODOS
Que a vida continue a lhe sorrir!

(Os habitantes de Güllen ajuntam-se ao redor de Schill.)

O BURGOMESTRE
Está na hora. Suba ao expressinho para Kalberstadt e que Deus o acompanhe.

O POLÍCIA
E muita felicidade, lá na Austrália!

TODOS
Muita felicidade! Muita felicidade!

(Schill está imóvel, fitando seus concidadãos.)

SCHILL *(em voz baixa)*
Por que vieram todos aqui?

O POLÍCIA
Que mais o senhor está querendo?

CHEFE DA ESTAÇÃO
Ocupem seus lugares, façam o favor!

SCHILL
Por que ficam todos me rodeando?

O BURGOMESTRE
Ninguém o está rodeando, em absoluto.

SCHILL
Saiam do caminho!

O PROFESSOR
Mas já saímos do caminho.

TODOS
Já saímos, já saímos!
SCHILL
Alguém vai me segurar.

O POLÍCIA
Bobagem. É só o senhor subir para o trem e vai ver logo que isso é bobagem.

SCHILL
Vão-se embora.

(Ninguém se move. Alguns estão parados com as mãos no bolso das calças.)

O BURGOMESTRE
Não sei o que está querendo. É você que deve se decidir! Suba de uma vez para o trem.

SCHILL
Vão-se embora!

O PROFESSOR
O seu medo é simplesmente ridículo.

(Schill cai de joelhos.)

O POLÍCIA
O homem enlouqueceu.

SCHILL
Estão querendo me segurar.

O BURGOMESTRE
Suba para o trem! Suba para o trem!

(Silêncio.)

SCHILL *(em voz baixa)*
Se eu subir para o trem, alguém irá me segurar.

TODOS *(asseverando)*
Ninguém! Ninguém!

SCHILL
Tenho certeza.

O POLÍCIA
Olhe que o trem vai partir.

O PROFESSOR
Suba de uma vez, homem de Deus.

SCHILL
Tenho certeza. Alguém vai me segurar! Alguém vai me segurar!

(O chefe da estação dá o sinal para o trem partir, o condutor simula um salto para o estribo de um dos carros e Schill, completamente arrasado, rodeado pelos seus concidadãos, esconde o rosto nas mãos.)

O POLÍCIA
Viu? Foi embora debaixo de seu nariz.

(Todos abandonam o arrasado Schill, encaminham-se vagarosamente para o fundo, desaparecem.)

SCHILL
Estou perdido!

ATO III

O palheiro de Peter. A esquerda, sentada na sua liteira, está Claire Zahanassian, imóvel, trajando vestido de noiva branco, véu, etc. Na extremidade esquerda da cena, uma escada de mão, um carro de feno, uma velha calça, palha; no meio, uma pequena pipa. Do teto pendem trapos, sacos bolorentos, enormes teias de aranha. O mordomo chega do fundo.

O MORDOMO
O médico e o professor, madame.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Mande entrar.

(Entram o médico e o professor, avançam tateando no escuro, acham, por fim, a milionária, cumprimentam-na. Ambos trajam agora boas e sólidas roupas burguesas, por sinal que até elegantes.)

AMBOS
Minha senhora.

(Claire Zahanassian contempla-os com o lornhão.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Os senhores estão sujos de poeira.

(Ambos sacodem a poeira da roupa.)

O PROFESSOR
Desculpe. Tivemos de trepar em cima de uma velha caleça.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Retirei-me ao palheiro de Peter. Preciso de sossego. O casamento de ainda há pouco, na catedral, me cansou. Afinal, não sou mais nenhuma mocinha. Sentem-se na pipa.

O PROFESSOR
Obrigado. *(Senta-se. O médico fica em pé.)*

CLAIRE ZAHANASSIAN
Muito abafado aqui. Sufocante. Mas eu gosto deste palheiro, do cheiro de feno, palha e graxa de roda de carro. Recordações. Todas essas coisas aí, o garfo do estrume, a caleça, o carro de feno quebrado, já estavam aqui, no tempo da minha mocidade.

O PROFESSOR
Lugar propício à meditação. *(Enxuga o suor.)*

CLAIRE ZAHANASSIAN
O sermão do pároco foi edificante.

O PROFESSOR
Primeira Epístola aos *Coríntios,* capitulo 13: "Da excelência da caridade".
CLAIRE ZAHANASSIAN
E o senhor, também, se saiu muito bem, com o seu coro misto, professor. Um canto realmente solene.

O PROFESSOR
Bach. Um trecho da *Paixão segundo São Mateus.* Ainda me sinto todo emocionado. Estavam presentes a alta sociedade internacional, o mundo da finança, o mundo do cinema.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Saíram todos deslizando em seus Cadillacs, no rumo da capital. Para o banquete de bodas.

O PROFESSOR
Minha senhora, não desejamos tomar o seu tempo precioso mais do que o indispensável. Seu marido, decerto, a espera com impaciência.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Hoby? Mandei-o de volta, no seu Porsche, para os estúdios de Munique.

O MÉDICO *(espantado)*
Como?

CLAIRE ZAHANASSIAN
Meus advogados já deram entrada ao pedido de divórcio.

O PROFESSOR
Mas os convidados para o casamento, minha senhora?

CLAIRE ZAHANASSIAN
Estão acostumados. O segundo *mais* curto dos meus casamentos. Só com Lord lsmael é que foi ainda mais rápido. Que os traz aqui?

O PROFESSOR
Viemos tratar do caso do senhor Schill.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Oh! Morreu?

O PROFESSOR
Minha senhora! Afinal de contas, temos os nossos princípios, os princípios da civilização ocidental.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Então, que querem de mim?

O PROFESSOR
Infelizmente, a população de Güllen andou fazendo compras.

O MÉDICO
Muitas, até demais.

(Os dois enxugam o suor.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Está endividada?

O PROFESSOR
De modo irremediável.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Apesar dos princípios?

O PROFESSOR
Não passamos de seres humanos.

O MÉDICO
E agora precisamos pagar as nossas dívidas.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Já sabem o que devem fazer.

O PROFESSOR *(Corajosamente)*
Senhora Zahanassian. Falemos abertamente. Ponha-se um pouco na nossa triste situação. Faz vinte anos que eu lanço, nesta empobrecida coletividade, as tenras sementes do humanismo, e o médico municipal percorre aos solavancos, no seu velho Mercedes, os caminhos que o levam aos pacientes tuberculosos e raquíticos. Por que esse penoso sacrifício? Pelo dinheiro? Francamente. Nosso ordenado é mínimo; eu recusei sumariamente um posto no Liceu Superior de Kalberstadt, e o médico, o contrato para um curso na Universidade de Erlangen. Por puro amor à humanidade? Isso também seria exagero. Não. Resistimos e, conosco, a vila inteira, durante todos esses intermináveis anos, porque temos uma esperança, a esperança de ver ressuscitar a antiga grandeza de Güllen, de que sejam novamente compreendidas as possibilidades que encerra, com pródiga abundância, o solo da nossa pátria. Há petróleo na baixada de Pückenried, há minério sob a floresta da Fonte Imperial. Nós não somos pobres, madame; apenas fomos esquecidos. Precisamos de crédito, de confiança, de encomendas; e, ai, a nossa economia tornará a florescer, bem como a nossa cultura. Güllen tem alguma coisa para oferecer: a Fundição Sol Nascente.

O MÉDICO
Bockmann.

O PROFESSOR
As Indústrias Wagner. Compre-as, minha senhora, saneie as suas finanças, e Güllen voltará à prosperidade. Trata-se de investir, segundo um planejamento e com bons juros, uma centena de milhões, e não de jogar fora um bilhão!

CLAIRE ZAHANASSIAN
Disponho de mais dois.

O PROFESSOR
Não deixe que resistamos inutilmente durante uma vida inteira. Não pedimos uma esmola, oferecemos um negócio.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Realmente, o negócio não seria mau.

O PROFESSOR
Madame! Eu sabia que a senhora não iria nos abandonar.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Só que não é realizável. Não posso comprar a Fundição Sol Nascente, porque ela já me pertence.

O PROFESSOR
À senhora?

O MÉDICO
E Bockmann?

O PROFESSOR
As Indústrias Wagner?

CLAIRE ZAHANASSIAN
Tudo propriedade minha. As fábricas, a baixada de Pückenried, o palheiro de Peter, a vila toda, rua por rua e casa por casa. Mandei os meus agentes comprar toda essa caqueirada, paralisar o trabalho em toda parte. Sua esperança foi uma ilusão, sua resistência, um absurdo, seu sacrifício, uma estupidez, sua vida inteira, um inútil desperdício.

(Silêncio.)

O MÉDICO
Mas é monstruoso.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Era inverno, naquele tempo, quando deixei esta vila, com minha blusa à marinheira, minhas tranças ruivas, em estado de avançada gravidez, as pessoas na rua zombando de mim. Tremendo de frio, eu me sentei no trem rápido para Hamburgo; mas, assim que os contornos do palheiro de Peter desapareceram atrás dos cristais de gelo nos vidros da janela, decidi que, algum dia, haveria de voltar. Agora, aqui estou. Agora, eu imponho as condições, dito os termos do negócio. *(Em voz alta)* Roby e Toby, vamos para o Apóstolo de Ouro. O marido n.º 9 chegou, com seus livros e manuscritos.

(Os dois monstros vêm do fundo e levantam a liteira)

O PROFESSOR
Sra. Zahanassian! A senhora é uma mulher ferida no seu amor. A senhora pede justiça absoluta. Eu a vejo como uma heroína da antiguidade, como uma Medéia. Mas, justamente porque a compreendemos no mais profundo do seu ser, a senhora nos dá a coragem de lhe fazer mais um pedido: abandone o

funesto pensamento da vingança, não nos reduza à última extremidade, auxilie uma população pobre, fraca, mas honesta, a levar uma existência mais digna. Procure vencer-se a si mesma, alçando-se a um puro sentimento de humanidade.

CLAIRE ZAHANASSIAN

O sentimento de humanidade foi feito, realmente, para a bolsa dos ricos, mas quem tem o meu poderio financeiro pode dar-se ao luxo de criar logo uma nova ordem mundial. O mundo fez de mim uma mulher da vida e eu quero fazer dele um bordel. Quem não tem dinheiro e quer entrar na dança, que agüente firme. Vocês quiseram entrar na dança. Pessoa decente é somente quem paga — e eu pago. Güllen por um assassinato, prosperidade econômica por um cadáver. Olá, vocês dois, vamos! *(Sai de cena pelo fundo, levada pelos dois gângsteres.)*

O MÉDICO

Meu Deus, que devemos fazer?

O PROFESSOR

O que manda a nossa consciência, Dr. Nüsslin.

(Na parte baixa, à direita, torna-se visível a loja de Schill. Letreiro novo. Balcão de vendas novinho em folha, nova caixa registradora, mercadorias de primeira. Quando alguém entra pela porta imaginária, sonoro retinir de campainha. Atrás do balcão de vendas, a senhora Schill. Da esquerda, chega o Primeiro: aspecto de açougueiro enriquecido, o avental novo salpicado de sangue.)

O PRIMEIRO

Isso, sim, foi uma festa. Toda Güllen olhando o espetáculo na praça da catedral.

SENHORA SCHILL

A Clarinha bem que mereceu essa felicidade, depois de todas as misérias por que passou.

O PRIMEIRO

Atrizes de cinema como *demoiselles de honneur*. Com peitos assim.

SENHORA SCHILL

Hoje em dia, é moda.

O PRIMEIRO
E jornalistas. Vão também passar por aqui.

SENHORA SCHILL
Nós somos simples, senhor Hofbauer. Que é que eles viriam procurar aqui?

O PRIMEIRO
Estão interrogando todo o mundo. Cigarros, faz favor.

SENHORA SCHILL
Áriston, ponta de cortiça?

O PRIMEIRO
Camel. E um Alka-Seltzer. Fizemos uma farrinha ontem á noite, na casa dos Stocker.

SENHORA SCHILL
Ponho na conta?

O PRIMEIRO
Ponha na conta.

SENHORA SCHILL
E como vai o açougue?

O PRIMEIRO
Vai indo.

SENHORA SCHILL
Também não posso me queixar.

O PRIMEIRO
Tive de pegar pessoal.

SENHORA SCHILL
No dia primeiro, também terei um empregado.

(Á senhorita Luisa cruza a cena, elegantemente vestida.)

O PRIMEIRO
Sabe-se lá o que pensa essa ai, vestindo-se desse modo. Na certa, acredita que seriamos capazes de matar Schill.

SENHORA SCHILL
Uma sem-vergonha.

O PRIMEIRO
Onde é que ele está? Há muito que não o vejo.

SENHOR A SCHILL
Lá em cima, no quarto.

(O Primeiro acende um cigarro, escuta o que há lá em cima.)

O PRIMEIRO
Passos.

SENHORA SCHILL
Anda de um lado para o outro. Há dias.

O PRIMEIRO
Consciência pesada. Ele se portou muito mal com a pobre senhora Zahanassian.

SENHORA SCHILL
Eu também sofro com isso.

O PRIMEIRO
Atirar uma menina na sarjeta. Passa fora! *(Decidido)* Senhora Schill, espero que seu marido não irá dar com a língua nos dentes, quando vierem os jornalistas.

SENHORA SCHILL
Qual nada.

O PRIMEIRO
Com o caráter que ele tem.

SENHORA SCHILL
Minha vida não é nada fácil, senhor Hofbauer.

O PRIMEIRO
Se ele quiser comprometer Clara, contando lorotas, dizendo que ela ofereceu dinheiro pela sua morte ou coisa que o valha, o que foi apenas expressão de uma dor cruciante, nós seremos obrigados a intervir. Não por causa do bilhão.

(Cospe.) Mas por causa da revolta popular. Deus sabe que a senhora Zahanassian já sofreu bastante por culpa dele. *(Olha em derredor.)* É por aqui que se sobe ao apartamento?

SENHORA SCHILL
É a única escada. Meio incômoda. Mas, na primavera, vamos fazer uma reforma.

O PRIMEIRO
Eu vou é me plantar aqui. Seguro morreu de velho.

(O Primeiro planta-se no extremo à direita da cena, com os braços cruzados, imóvel, como sentinela. Chega o professor.)

O PROFESSOR
Schill?

O PRIMEIRO
Lá em cima.

O PROFESSOR
Não é nada o meu gênero, mas, hoje, estou mesmo precisando de uma bebida bem forte.

SENHORA SCHILL
É um prazer que o senhor, uma vez, venha nos visitar, professor. Recebi uma nova genebra. Quer provar?

O PROFESSOR
Um cálice?

SENHORA SCHILL
O senhor também, Hofbauer?

O PRIMEIRO
Não, obrigado. Ainda preciso ir a Kassigen no meu Volkswagen. Comprar uns leitões.

(A Senhora Schill serve a genebra, o professor bebe.)

SENHORA SCHILL
Mas o senhor está tremendo, professor.

O PROFESSOR
Ando bebendo demais, nos últimos tempos.

SENHORA SCHILL
Mais um não vai lhe fazer mal.

O PROFESSOR
É ele que está passeando? *(Presta atenção aos passos lá em cima.)*

SENHORA SCHILL
De um lado para o outro, o dia inteiro.

O PRIMEIRO
Deus o castigará.

(O pintor chega da esquerda, sobraçando um quadro. Roupa nova de veludo cotelê, lenço multicor ao pescoço, boina basca preta.)

O PINTOR
Cuidado. Dois jornalistas me perguntaram por esta loja.

O PRIMEIRO
Muito suspeito.

O PINTOR
Fingi que não sabia de nada.

O PRIMEIRO
Foi inteligente.

O PINTOR
Para a senhora. Acaba de sair do cavalete. Está ainda úmido de tinta. *(Mostra o quadro à senhora Schill. O professor serve-se sozinho de genebra.)*

SENHORA SCHILL
Meu marido.

O PINTOR
A arte começa a prosperar em Güllen. Que pintura, hem?

SENHORA SCHILL
É parecido.

O PINTOR
Óleo. Dura pela eternidade.

SENHORA SCHILL
Eu poderia pendurar o quadro no quarto de dormir. Por cima da cama. Alfredo está ficando velho. Nunca se sabe o que pode acontecer e a gente sente prazer em ter uma recordação.

(Lá fora passam, elegantemente vestidas, as duas mulheres do segundo ato e contemplam as mercadorias expostas na imaginária vitrina.)

O PRIMEIRO
Essas mulheres! Vão para o cinema em plena luz do dia. Portam-se como se fôssemos os mais desalmados dos assassinos!

SENHORA SCHILL
É caro?

O PINTOR
Trezentos.

SENHORA SCHILL
Por enquanto, não posso pagar.

O PINTOR
Não faz mal. Eu espero, senhora Schill, espero, ora esta.

O PROFESSOR
Esses passos, sempre esses passos.

(Da esquerda chega o Segundo.)

O SEGUNDO
Os jornalistas.

O PRIMEIRO
Bico calado. Questão de vida ou de morte.

O PINTOR
Cuidado para ele não descer.

O PRIMEIRO
Deixe isso por minha conta.

(Os homens de Güllen postam-se à direita. O professor, que já esvaziou meia garrafa, fica em pé junto do balcão de vendas. Chegam dois jornalistas com suas máquinas fotográficas.)

PRIMEIRO JORNALISTA
Boa noite, minha gente.

OS GÜLLENSES
Boa noite.

PRIMEIRO JORNALISTA
Pergunta nº 1: Como se sentem, assim, de um modo geral?

O PRIMEIRO *(meio sem jeito)*
Estamos contentes, naturalmente, com a visita da senhora Zahanassian.

O PINTOR
Comovidos.

O SEGUNDO
Ufanos

PRIMEIRO JORNALISTA
Ufanos.

SEGUNDO JORNALISTA
Pergunta n.º 2, à senhora que está atrás do balcão: Disseram que preferiram a senhora à senhora Zahanassian.

(Silêncio. Os habitantes de Güllen estão visivelmente assustados.)

SENHORA SCHILL
Quem foi que disse isso?

(Silêncio. Os dois jornalistas escrevem com

indiferença em seus caderninhos de apontamentos.)

PRIMEIRO JORNALISTA
Os dois gorduchos baixos e cegos da senhora Zahanassian.

SENHORA SCHILL (hesitando)
Que foi que eles contaram?

SEGUNDO JORNALISTA
Tudo.

O PINTOR
Raios que os partam!

(Silêncio.)

SEGUNDO JORNALISTA
Parece que Claire Zahanassian e o dono desta loja estiveram a pique de se casar, há mais de quarenta anos. Confere?

(Silêncio.)

SENHORA SCHILL
Sim.

SEGUNDO JORNALISTA
O senhor Schill está aqui.

SENHORA SCHILL
Em Kalberstadt.

TODOS
Em Kalberstadt.

PRIMEIRO JORNALISTA
Podemos facilmente imaginar o romance. O senhor Schill e Claire Zahanassian crescem juntos, talvez sejam filhos de vizinhos, vão juntos para a escola. Depois, os passeios na floresta, os primeiros beijos fraternais, até que o senhor Schill conhece a senhora, que aparece aos seus olhos como a novidade, o inédito, a paixão.

SENHORA SCHILL
A paixão. As coisas se passaram exatamente como o senhor disse.

PRIMEIRO JORNALISTA
Crânio, senhora Schill, modéstia à parte. Claire Zahanassian compreende, renuncia, com seus modos tranqüilos, nobres, e a senhora se casa...

SENHORA SCHILL
Por amor.

OS OUTROS GÜLLENSES *(aliviados)*
Por amor.

PRIMEIRO JORNALISTA
Por amor.

(Da direita chegam os dois eunucos, que Roby traz, segurando-os pela orelha.)

OS DOIS *(choramingando)*
Nunca mais contaremos nada, nunca mais contaremos nada.

(São conduzidos para o fundo, onde Toby os aguarda com um chicote.)

SEGUNDO JORNALISTA
Senhora Schill, não será que seu marido, de vez em quando... quero dizer, seria humano, afinal de contas, que de vez em quando estivesse um pouco arrependido.

SENHORA SCHILL
Só dinheiro não traz felicidade.

SEGUNDO JORNALISTA
Não traz felicidade.

PRIMEIRO JORNALISTA
Isso é uma verdade que nós, homens modernos, nunca gravaremos bastante na cabeça.

(O filho chega da esquerda. Trajando jaqueta de camurça.)

SENHORA SCHILL
Nosso filho Walter.

PRIMEIRO JORNALISTA
Um rapagão.

SEGUNDO JORNALISTA
Ele está ao corrente das relações...?

SENHORA SCHILL
Na nossa família, não temos segredos. Dizemos sempre: aquilo que Deus sabe, também os nossos filhos devem saber.

SEGUNDO JORNALISTA
Também os filhos devem saber.

(A filha entra na loja em trajes de tênis, segurando uma raqueta.)

SENHORA SCHILL
A nossa filha MarIene.
SEGUNDO JORNALISTA
Um encanto.

(Agora, o professor sente que chegou a sua vez.)

O PROFESSOR
Cidadãos de Güllen. Sou o vosso velho professor. Fiquei bebendo sossegado a minha genebra e ouvi calado tudo o que se disse. Agora, porém, quero fazer um discurso, quero falar da visita da velha senhora a Güllen. *(Trepa na pipa, que ainda sobrou do palheiro de Peter.)*

O PRIMEIRO
Está doido?

O SEGUNDO
Chega!

O PROFESSOR
Cidadãos de Güllen! Quero proclamar a verdade, mesmo que a nossa miséria deva durar eternamente.

SENHORA SCHILL
O senhor está bêbado, professor, deveria se envergonhar.

O PROFESSOR
Envergonhar-me? Eu? Tu, mulher, deverias te envergonhar, pois te preparas para atraiçoar teu marido!

O FILHO
Fecha a tampa!

O PRIMEIRO
Tirem-no daí para baixo!

O SEGUNDO
Rua com ele!

O PROFESSOR
Já avançamos demais, perigosamente, no declive fatal!

A FILHA (implorando)
Senhor professor!

O PROFESSOR
Tu me decepcionas, filhinha. Caberia a ti falar; em vez disso, deve faze-lo, em voz trovejante, um velho professor!

(O pintor dá com o quadro na cabeça dele.)

O PINTOR
Toma! Assim aprendes a querer estragar os meus negócios!

O PROFESSOR
Protesto! Perante a opinião pública do mundo inteiro! Preparam-se em Güllen monstruosidades!

(Os güllenses atiram-se para cima dele, mas, nesse momento, chega Schill, da direita, trajando uma roupa esfiapada.)

SCHILL
Que está se passando na minha loja?

(Os güllenses largam o professor e ficam fitando Schill, assustados. Silêncio mortal.)

SCHILL
Que é que o senhor quer em cima da pipa, professor?

(O professor olha para Schill, aliviado, radiante.)

O PROFESSOR
A verdade, Schill. Estou contando a verdade aos senhores da imprensa. Em voz trovejante, como um arcanjo. *(Cambaleia.)* Porque sou um humanista, amigo dos antigos gregos e admirador de Platão.

SCHILL
Cale-se.

O PROFESSOR
Hem?

SCHILL
Desça daí.

O PROFESSOR
Mas a minha humanidade...

SCHILL
Sente-se.

(Silêncio.)

O PROFESSOR *(O pileque já lhe passou um pouco)*
Sentar-se. A minha humanidade deve sentar-se. Pois seja, já que também o senhor atraiçoa a verdade. *(Desce da pipa e senta-se, com o quadro ainda enfiado na cabeça.)*

SCHILL
Queiram desculpar. O homem está bêbado.

SEGUNDO JORNALISTA
O senhor Schill?

SCHILL
Que desejam de mim?

PRIMEIRO JORNALISTA
Sorte a nossa que ainda conseguimos encontrá-lo por aqui. Precisamos bater umas chapas. O senhor dá licença? *(Olha em derredor.)* Comestíveis, utensílios domésticos, artefatos de ferro... Já achei: batemos uma chapa do senhor vendendo um machado.

SCHILL *(hesitando)*
Um machado?

PRIMEIRO JORNALISTA
Ao açougueiro. Não há nada como o natural, para produzir efeito. Dê cá esse instrumento de carrasco. O seu freguês pega o machado, pesa-o com a mão, faz uma cara de quem pensa no assunto e o senhor se debruça por cima do balcão, gabando a qualidade do artigo. Por favor. *(Compõe* o *quadro.)* Mais naturalidade, por favor, mais desembaraço.

(Os jornalistas batem a chapa.)

PRIMEIRO JORNALISTA
Muito bem, ótimo.

SEGUNDO JORNALISTA
Agora, um grupo da família. Por favor, passe o seu braço sobre o ombro da esposa. O filho, *à* esquerda, a filha à direita. E agora, por favor, um sorriso irradiando alegria, irradiando felicidade, irradiando profunda satisfação.

PRIMEIRO JORNALISTA
Uma beleza, como irradiaram.

(Da esquerda baixa chegam alguns fotógrafos e sobem a cena correndo para a esquerda alta. Ao passarem, um deles grita para dentro da loja.)

O FOTÓGRAFO
A Zahanassian arranjou outro marido. Vão passear na floresta da Fonte Imperial.

SEGUNDO JORNALISTA
Outro!

PRIMEIRO JORNALISTA
Isso dá uma capa no *Life!*

(Os dois jornalistas saem correndo da loja. Silêncio. O primeiro continua segurando o machado.)

O PRIMEIRO *(aliviado)*
Tivemos sorte.

O PINTOR
Você vai me desculpar, professor, mas se ainda queremos que as coisas se arranjem de modo pacífico, a imprensa não tem de saber de nada. Entendeu? *(Sai. O Segundo o segue, mas ainda pára um momentinho diante de Schill.)*

O SEGUNDO
Foi inteligente, foi muito inteligente, da sua parte, não dizer besteiras. De um patife como você, ninguém acreditaria mesmo uma só palavra. *(Sai.)*

O PRIMEIRO
Agora, ainda vão publicar nossas caras nas revistas, Schill.

SCHILL
Pois é.

O PRIMEIRO
Vamos ficar célebres.

SCHILL
Por modo de dizer.

O PRIMEIRO
Um Partagas.

SCHILL
Sirva-se.

O PRIMEIRO
Ponha na conta.

SCHILL
Naturalmente.

O PRIMEIRO
Falando com toda a franqueza: aquilo que você fez a Clarinha, só mesmo um

canalha é que faz. *(Faz menção de sair.)*

SCHILL
O machado. Hofbauer.

(O Primeiro hesita, e, depois, devolve-lhe o machado. Silêncio na loja. O professor continua sentado na pipa.)

O PROFESSOR
O senhor deve me desculpar. Andei provando a sua nova genebra, uns dois ou três cálices.

SCHILL
Está bem.

(A família sai pela direita.)

O PROFESSOR
Eu queria ajudá-lo. Mas me bateram e o senhor também não quis. *(Livra-se do quadro.)* Ah, Schill, que gente somos nós. O infame bilhão arde nas nossas entranhas. Crie coragem, homem, lute pela sua vida, provoque a grita da imprensa, o senhor não tem mais tempo a perder.

SCHILL
Não vou mais lutar.

O PROFESSOR *(espantado)*
Escute uma coisa, será que o medo lhe fez perder a cabeça?

SCHILL
Compreendi que não tenho mais direito.

O PROFESSOR
Não tem direito? Em relação a essa maldita milionária, a essa arquimarafona, que troca de marido a toda a hora diante dos nossos olhos, despudoradamente, e vai coletando as nossas almas, uma por uma?

SCHILL
Afinal, a culpa é minha.

O PROFESSOR
Culpa?

SCHILL

Fui eu que fiz de Clara o que ela é e de mim, aquilo que sou, um pobre comerciante, um pé-rapado qualquer. Que quer, professor? Que me finja inocente? Tudo é obra minha, os eunucos, o mordomo, o caixão de defunto, o bilhão. Não posso fazer mais nada nem por mim nem por ninguém. *(Pega a tela furada e a contempla.)* O meu retrato.

O PROFESSOR

Sua mulher queria pendurá-lo no quarto de dormir. Por cima da cama.

SCHILL

Não tem importância; Kühn irá pintar outro. *(Pousa o quadro sobre o balcão de vendas. O professor levanta-se, a custo, cambaleando.)*

O PROFESSOR

Agora, estou outra vez lúcido, de repente. *(Caminha, cambaleando, na direção de Schill.)* O senhor tem razão. Tem toda a razão. O senhor é que é culpado de tudo. E agora, eu vou lhe dizer uma coisa, Alfredo Schill, uma coisa fundamental. *(Empertiga-se diante de Schill, apenas oscilando de leve.)* Eles vão matá-lo. Eu sei desde o começo e o senhor também já o sabe há muito tempo, mesmo se em Güllen mais ninguém quer admiti-lo. A tentação é muito grande e a nossa pobreza, muito dolorosa. Mas sei ainda outra coisa. Eu também tomarei parte no crime. Sinto como, aos poucos, estou me tornando um assassino. Minha fé na humanidade é impotente. E porque sei disso é que comecei a beber. Eu tenho medo, Schill, exatamente como o senhor teve medo. E sei, ainda, que, algum dia, chegará uma velha senhora também para nós e que, então, se passará conosco o que, agora, se passa com o senhor; só que, daqui a pouco, dentro de algumas horas, talvez, não saberei mais. *(Silêncio.)* Outra garrafa de genebra.

(Schill põe diante dele outra garrafa; o professor hesita, mas, depois, decidido, pega a garrafa.)

O PROFESSOR

Ponha na conta. *(Sai lentamente.)*

(A família chega de volta, Schill contempla a loja em derredor, como que sonhando.)

SCHILL

Tudo novo. Tudo, agora, tem um ar moderno. Limpo e agradável. Uma loja assim sempre foi o meu sonho. *(Tira a raqueta da mão da filha.)* Você joga tênis?

A FILHA
Andei tomando umas aulas.

SCHILL
De manhã cedo, não é? Em lugar de procurar trabalho no Departamento de Empregos?

A FILHA
Todas as minhas amigas jogam tênis.

(Silêncio.)

SCHILL
Da janela do quarto, vi você num automóvel, Walter.

O FILHO
E só um Opel Olympia, são carros relativamente baratos.

SCHILL
Quando foi que você aprendeu a dirigir? *(Silêncio.)* Em vez de ir ver se havia trabalho na estação, sob o sol escaldante, não é?

O FILHO
Sim, às vezes.

(Meio vexado, o filho leva embora, pelo fundo, a pipa em que esteve sentado o bêbado.)

SCHILL
Procurando minha roupa dos domingos, encontrei uma capa de peles.

SENHORA SCHILL
Mandaram para eu ver, sem compromisso. *(Silêncio.)* Toda a gente faz dívidas, Alfredo. Só você é que anda histérico. Seu medo é simplesmente ridículo. É evidente que as coisas irão se acomodar, sem que ninguém toque num só fio dos seus cabelos. Clarinha não vai levar o caso as últimas, eu a conheço bem, ela tem bom coração.

A FILHA
Com toda a certeza, pai.

O FILHO
Deveria compreender isso.

(Silêncio.)

SCHILL *(lentamente)*
Hoje é sábado. Gostaria, ao menos uma vez, de dar um passeio no seu carro. Walter. No nosso carro.

O FILHO *(incerto)*
Quer mesmo?

SCHILL
Vão vestir suas roupas novas. Iremos passear todos juntos.

SENHORA SCHILL (incerta)
Eu também? Não me parece próprio.

SCHILL
Por que não deveria ser próprio? Vista a sua capa de peles, assim o passeio servirá para estreá-la. Enquanto isso, eu faço a caixa.

(A senhora Schill e a filha saem à direita, o filho, à esquerda. Schill ocupa-se com a caixa registradora. Da esquerda, chega o burgomestre com a espingarda.)

O BURGOMESTRE
Boa tarde, Schill. Não se incomode. Entrei só de passagem.

SCHILL
À vontade.

(Silêncio.)

O BURGOMESTRE
Trouxe uma espingarda.

SCHILL
Obrigado.

O BURGOMESTRE
Está carregada.

SCHILL
Não preciso dela.

(O burgomestre encosta a espingarda no balcão de vendas.)

O BURGOMESTRE
Hoje á noite há assembléia do município. No Apóstolo de Ouro. Na sala do teatro.

SCHILL
Eu irei.

O BURGOMESTRE
Todos irão. É para tratar do seu caso. Estamos, de certo modo, num beco sem saída.

SCHILL
Também acho.

O BURGOMESTRE
A proposta da milionária vai ser recusada.

SCHILL
É possível.

O BURGOMESTRE
A gente pode se enganar, é claro.

SCHILL
É claro.

(Silêncio.)

O BURGOMESTRE *(cautelosamente)*
Nesse último caso, você aceitaria a decisão, Schill? É que a imprensa estará presente.

SCHILL
A imprensa?

O BURGOMESTRE
E o rádio, a televisão, as Atualidades Cinematográficas. Uma situação melindrosa, não apenas para você mas, também, par nós, acredite. Como vila natal da senhora Zahanassian e graças ao seu casamento na catedral, ficamos tão conhecidos, que já estão fazendo uma reportagem sobre as nossas velhas instituições democráticas.

(Schill ocupa-se com a caixa registradora.)

SCHILL
O senhor vai tomar pública a proposta da milionária?

O BURGOMESTRE
Não de modo direto. Somente os iniciados poderão compreender o verdadeiro alcance dos debates.

SCHILL
Isto é, que está em jogo a minha vida.

(Silêncio.)

O BURGOMESTRE
Orientei a imprensa no sentido de que, possivelmente, a senhora Zahanassian fará uma doação à cidade e de que você, como seu amigo de juventude, teria conseguido essa doação. Que você foi seu amigo na juventude, já se tornou notório. Assim, aconteça o que acontecer, você, ao menos oficialmente, estará reabilitado.

SCHILL
É muito amável da sua parte.

O BURGOMESTRE
Para dizer a verdade, não fiz isso por você, mas pela sua corajosa e honrada família.

SCHILL
Compreendo.

O BURGOMESTRE
Estamos jogando com as cartas na mesa, isso você há de reconhecer, Schill. Você, até agora, guardou silêncio. Muito bem. Mas será que vai continuar a guardar silêncio? Porque, se quiser falar, seremos obrigados a fazer tudo mesmo sem assembléia do município.

SCHILL
Compreendo.

O BURGOMESTRE
E então?

SCHILL
Estou satisfeito de ouvir uma ameaça direta.

O BURGOMESTRE
Eu não o estou ameaçando, Schill, você é que nos ameaça. Se falar, não teremos outro remédio senão agir. Antes.

SCHILL
Eu não falarei.

O BURGOMESTRE
Qualquer que seja a decisão da assembléia?

SCHILL
Qualquer que ela seja, está aceita desde já.

O BURGOMESTRE
Ótimo. *(Silêncio.)* Alegra-me, Schill, que você se submeta ao juízo do município. Vê-se que seus brios ainda não se apagaram de todo. Mas não seria melhor se pudéssemos dispensar de uma vez essa assembléia?

SCHILL
Que quer dizer com isto?

O BURGOMESTRE
Ainda há pouco, você disse que não precisava da espingarda. Contudo, quem sabe se, agora, já não está precisando dela? *(Silêncio.)* Nesse caso, poderíamos dizer à velha senhora que nós o condenamos e, assim, receberíamos do mesmo modo o dinheiro. Olhe que me custou noites de sono fazer-lhe esta proposta, pode acreditar, Afinal de contas, porém, seria do meu dever, como homem de bem, tirar as conseqüências dos seus atos e pôr um termo à sua vida, não acha? Quando mais não fosse, por um sentimento de solidariedade cívica, por amor a sua cidade natal. Você conhece a nossa lamentável situação de penúria, a miséria, as crianças passando fome.

SCHILL
Às coisas vão indo muito bem para todos.

O BURGOMESTRE
Schill!

SCHILL
Burgomestre! Eu já sofri o inferno. Vi a vila toda contraindo dívidas, senti a morte rastejar mais perto de mim a cada novo indício de bem-estar. Se me houvessem poupado esse medo, esse tremendo pavor, tudo teria corrido de outro modo, poderíamos falar de outro modo, eu tomaria a espingarda. Pelo bem de todos. Mas, agora, eu me tranquei, venci o meu medo. Foi duro, mas consegui. Não se pode mais voltar atrás. Vocês todos terão de ser os meus juízes. Submeto-me à sua sentença, qualquer que seja. Para mim, ela será a voz da justiça; não sei o que será para vocês. Deus queira que possam responder por ela diante da sua consciência. Podem me matar, não me queixo, não protesto, não me defendo, mas não posso aliviá-los do seu ato.

(O burgomestre pega novamente a espingarda.)

O BURGOMESTRE
É pena. Você deixa escapar a última oportunidade de se reabilitar, de se tornar um homem mais ou menos de bem. Mas, evidentemente, isso seria pretender demais.

SCHILL
Fogo, senhor burgomestre. *(Acende-lhe o cigarro. O burgomestre sai.)*

(A senhora Schill entra na capa de peles, a filha, de vestido vermelho.)

SCHILL
Você tem um ar distinto, Matilde.

SENHORA SCHILL
Astracã.

SCHILL
Como uma grande dama.

SENHORA SCHILL
É um pouco caro.

SCHILL
Bonito o seu vestido, Marlene. Mas um tanto ousado, você não acha?

A FILHA
Qual nada, pai. Você deveria ver o meu vestido de noite.

(A loja desaparece. O filho chega de automóvel.)

SCHILL
Bonito carro. A vida inteira eu me esforcei para juntar um dinheirinho, melhorar o nosso padrão de vida, comprar um automoveI destes, por exemplo; e, agora que chegamos a esse ponto, gostaria de saber como é que a pessoa se sente quando tem um. Você vem comigo atrás, Matilde; Marlene se senta na frente, ao lado de Walter.

(Sobem para o carro.)

O FILHO
Este carro dá 120 quilômetros por hora.

SCHILL
Não corra tão depressa. Quero apreciar estas redondezas, a cidadezinha onde vivi durante quase setenta anos. Estão limpas, as nossas velhas ruas, já surgiram algumas novas casas. Uma fumaça cinzenta subindo das chaminés e gerânios nas sacadas, girassóis e rosas nos jardins perto da Porta Goethe, risos de crianças, casaizinhos de namorados em toda a parte. Bem moderno, este novo edifício da Praça Brahms.

SENHORA SCHILL
O Café Hodel está passando por uma reforma.

A FILHA
O médico, no seu Mercedes 300.

SCHILL
A planície com as colinas ao fundo, hoje como que revestidas de ouro. Grandiosas as sombras em que mergulhamos; e, agora, novamente a luz. Que enormes os guindastes das Indústrias Wagner contra o horizonte e as chaminés de Bockmann.

O FILHO
Vão voltar à atividade.

SCHILL
Como?

O FILHO *(em voz mais alta)*
Vão voltar à atividade. *(Toca a buzina.)*

SENHORA SCHILL
Que veículo mais engraçado.

O FILHO
Uma motoneta.[5] Todo servente de pedreiro quer ter uma.

A FILHA
C'est terrible.

SENHORA SCHILL
Marlene está seguindo um curso de aperfeiçoamento em francês e inglês.

SCHILL
É muito útil. A Fundição Sol Nascente. Há muito tempo que eu não vou para aquelas bandas.

O FILHO
Diz que vai ser ampliada.

SCHILL
Correndo assim, você deve falar mais alto.

O FILHO *(em voz mais alta)*
Diz que vai ser ampliada. Esse foi Stocker, naturalmente. Com seu Buick, dá poeira em todo o mundo.

A FILHA
Um novo-rico.

SCHILL
Passe pela baixada da Pückenried, por favor. Beirando o brejo e, depois, pela alameda, contornando o pavilhão de caça do Eleitor Hasso. Formações de nuvens no céu, amontoando-se, como no verão. É uma bonita terra, assim inundada pelo pôr do sol. Tenho a impressão de vê-la hoje pela primeira vez.

A FILHA
Uma atmosfera romântica, como em Adalbert Stifter.[6]

SCHILL
Como em quem?

SENHORA SCHILL
Marlene está também estudando literatura.

SCHILL
Muito distinto.

O FILHO
Ai vem Hofbauer no seu Volkswagen. Voltando de Kassigen.

A FILHA
Com os leitões.

SENHORA SCHILL
Walter dirige bem. Com que elegância pegou a curva. A gente não precisa ter medo.

O FILHO
Vou engrenar a primeira. A estrada está subindo.

SCHILL
Eu sempre chegava em cima sem fôlego, quando subia por aqui a pé.

SENHORA SCHILL
Que bom eu ter minha capa de peles. Está refrescando.

SCHILL
Você errou o caminho, Walter. Por aqui se vai a Beisenbach. É preciso voltar e, depois, virar à esquerda, para a floresta da Fonte Imperial.

(O automóvel roda para o fundo. Os Quatro chegam com o banco de madeira; de casaca, agora; fingem de árvores.)

O PRIMEIRO
Somos de novo faias, pinheiros.

O SEGUNDO
Gamos e cucos e pica-paus.

O TERCEIRO
Selva cantada pelos poetas.

O QUARTO
Ora atroada pelas buzinas.

(O filho toca a buzina.)

O FILHO
Outro gamo. Os raios dos bichos não saem nem mais da estrada.

(O Terceiro dá um pulo e sai.)

A FILHA
Perderam o medo. Ninguém mais caça às escondidas.

SCHILL
Pare debaixo das árvores.

O FILHO
Pronto!

SENHORA SCHILL
Que é que você quer fazer?

SCHILL
Passear na floresta, a pé. *(Desce do carro.)* Como é bonito, daqui, o som dos sinos de Güllen. Hora de parar o trabalho.

O FILHO
Quatro sinos. Agora, sim, dá prazer ouvi-los.

SCHILL
Tudo amarelo: o outono realmente chegou. Folhas secas no chão como montes de ouro. *(Pisa o solo fofo de folhas secas.)*

O FILHO
Vamos esperar você embaixo, perto da ponte.

SCHILL
Não é preciso. Eu volto para a vila cortando pela floresta. Vou a assembléia do município.

SENHORA SCHILL
Então, Alfredo, nós prosseguimos até Kalberstadt e vamos a um cinema.

O FILHO
Salve, pai.

A FILHA
So long, daddy.

SENHORA SCHILL
Até logo! Até logo!

(O automóvel com a família dá marcha a ré e desaparece. A família faz adeusinho com a mão. Schill a acompanha com o olhar. Vai sentar-se no banco de madeira que se acha à esquerda. Murmúrio do vento na folhagem. Da direita, chegam Roby e Toby com a cadeirinha onde se encontra Claire Zahanassian, vestida como de costume. Roby traz às costas uma guitarra. Ao lado da liteira vem o marido n.^{0} 9, laureado com o Prêmio Nobel, alto, magro, bigode grisalho. — Pode ser interpretado sempre pelo mesmo ator. — Atrás, o mordomo.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
A floresta da Fonte Imperial. Roby e Toby, parem um momento. *(Claire Zahanassian desce da liteira, contempla a floresta e com o lornhão faz uma carícia nas costas do Primeiro.)* Deu broca na casca. Esta árvore vai morrer. *(Nota a presença de Schill.)* Alfredo! Que bom encontrar você. Estou visitando a minha floresta.

SCHILL
Também a floresta da Fonte Imperial pertence a você?

CLAIRE ZAHANASSIAN
Também. Posso me sentar ao seu lado?

SCHILL
Ora, por favor. Acabo de me despedir da minha família. Vão ao cinema. Walter comprou um automóvel.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Progresso. *(Senta-se ao lado dele, à direita.)*

SCHILL
Marlene se inscreveu num curso de literatura. E, também, de inglês e francês.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Está vendo? O idealismo acabou por chegar também a eles. Venha aqui, Zoby, cumprimente. Meu nono marido. Prêmio Nobel.

SCHILL
Muito prazer.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Ele é extraordinário, especialmente quando não pensa. Zoby, por favor, não pense.

MARIDO N.º 9
Mas, meu amorzinho...

CLAIRE ZAHANASSIAN
Não se faça de rogado.

MARIDO N.º 9
Então, está bem. *(Não pensa.)*

CLAIRE ZAHANASSIAN
Está vendo? Agora, ele se parece cem por cento com um diplomata. Faz-me lembrar o Conde Holk, só que esse não escrevia livros. Ele quer se retirar da vida mundana, escrever as suas memórias e administrar a minha fortuna.

SCHILL
Parabéns.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Mas isso me desagrada muito. Marido a gente tem é para pôr em mostra, não como objeto de uso. Vá pesquisar, Zoby; as ruínas históricas ficam à esquerda.

(O marido n.º 9 vai pesquisar, Schill olha em derredor.)

SCHILL
Os dois eunucos.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Começaram a tagarelar demais. Mandei despachá-los para Hong Kong, para

uma das minhas espeluncas de ópio. Lá poderão fumar e sonhar à vontade. O mordomo não vai tardar a segui-los. Também dele não precisarei mais. Boby, um Roméo et Juliette. *(O mordomo vem do fundo, entrega-lhe uma cigarreira.)* Você também quer um, Alfredo?

SCHILL
Aceito.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Sirva-se. Boby, fogo.

(Fumam.)

SCHILL
Que aroma!

CLAIRE ZAHANASSIAN
Quantas vezes estivemos fumando juntos nesta floresta, você ainda se lembra? Cigarros que você comprava na loja da Matilde. Ou que roubava. *(O Primeiro bate com a chave no cachimbo.)* Outra vez o pica-pau.

O QUARTO
Cucu, cucu!

SCHILL
É o cuco.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Você quer que Roby toque qualquer coisa na guitarra?

SCHILL
Quero.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Toca bem, esse assassino privilegiado: preciso dele para os meus momentos de meditação. Detesto gramofones e rádios.

SCHILL
Lá no vale da África, há um batalhão marchando.

CLAIRE ZAHANASSIAN
A tua canção preferida. Eu a ensinei a ele.

(Silêncio. Fumam. Cuco, etc. Murmúrios da floresta. Roby toca a balada.)

SCHILL
Você teve... quero dizer, nós tivemos um filho.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Tivemos.

SCHILL
Era varão ou menina?

CLAIRE ZAHANASSIAN
Menina.

SCHILL
E que nome foi que você lhe pôs?

CLAIRE ZAHANASSIAN
Geneviève.

SCHILL
Bonito nome.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Eu a vi somente uma vez. Quando nasceu. Depois, a tiraram de mim. A Assistência Cristã.

SCHILL
Que cor tinham seus olhos?

CLAIRE ZAHANASSIAN
Ainda não estavam abertos.

SCHILL
E os cabelos?

CLAIRE ZAHANASSIAN
Pretos, penso eu; mas isso é freqüente, nos recém-nascidos.

SCHILL
É**,** sim. *(Silêncio. Fumam. Música da guitarra.)* Onde foi que ela morreu?

CLAIRE ZAHANASSIAN
Na casa de umas pessoas, esqueci como se chamam.

SCHILL
De quê?

CLAIRE ZAHANASSIAN
Meningite. Também de outra moléstia, parece. Recebi o aviso das autoridades.

SCHILL
Em casos de morte, pode-se ter confiança nelas.

(Silêncio.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Eu lhe falei da nossa filha. Agora, você fale de mim.

SCHILL
De você?

CLAIRE ZAHANASSIAN
Sim, de como eu era, quando tinha dezessete anos, quando você me amava.

SCHILL
Certa vez, tive de procurar você durante um tempo enorme no palheiro de Peter e acabei descobrindo-a dentro da caleça, com apenas a camisa em cima do corpo e uma palha no canto da boca.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Você era forte e corajoso. Brigou com o ferroviário que me seguiu na rua. Eu enxuguei o sangue do seu rosto com a minha anágua vermelha. *(Cessa a música da guitarra.)* A balada acabou.

SCHILL
Ainda: O *doce e nobre pátria.*

CLAIRE ZAHANASSIAN
Roby sabe essa também.

(Nova música na guitarra.)

SCHILL
Eu lhe agradeço pelas coroas, os crisântemos e as rosas. Fazem um bonito efeito

em cima do caixão, no Apóstolo de Ouro. Distinto. Já há duas salas cheias delas. Chegamos aonde se queria chegar. Estamos sentados, pela última vez, na nossa velha floresta, repleta de cantos de cuco e murmúrio do vento nas folhas. Hoje á noite, realiza-se uma assembléia do município. Eu serei condenado à morte e um deles me matará. Não sei quem será nem onde irá fazê-lo, sei somente que cheguei ao fim de uma existência absurda.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Levarei você, no seu caixão, para Capri. Mandei erguer um mausoléu no parque do meu *palazzo.* Rodeado de ciprestes. Com vista para o Mediterrâneo.

SCHILL
Conheço só de fotografias.

CLAIRE ZAHANASSIAN
Azul profundo. Um panorama deslumbrante. É lá que você irá ficar. Um morto junto de um ídolo de pedra. Seu amor morreu há muitos anos. O meu amor não podia morrer. Mas, tampouco, viver. Tornou-se qualquer coisa má, como eu mesma, como os cogumelos venenosos e as raízes em forma de rostos cegos desta floresta; uma coisa má, oculta pela luxuriante e dourada vegetação dos meus bilhões. Foram eles que estenderam seus tentáculos para você, à procura da sua vida. Porque ela me pertence. Pela eternidade. Agora, você ficou preso nas suas malhas, está perdido. Cedo, não restará de você senão a minha recordação de um amante morto, um meigo fantasma numa casa em ruirias.

SCHILL
Agora acabou também O *doce e nobre pátria.*

(Volta o marido n.º 9.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
O Prêmio Nobel. Voltando das suas ruínas. Então, Zoby?

MARIDO N.º 9
Os primórdios da era cristã. Destruídas pelos hunos.

CLAIRE ZAHANASSIAN
É pena. Seu braço. Roby e Toby, a cadeirinha. *(Sobe para a liteira.)* Adeus, Alfredo.

SCHILL
Adeus, Clara.

(A liteira é levada para o fundo, Schill fica sentado no banco. As árvores vão guardar seus galhos. Do alto, desce uma boca de cena, com o pano e as sanefas habituais. No frontão, a inscrição: "GRAVE É A VIDA, ALEGRE A ARTE". Do fundo chega o polícia, trajando nova e luxuosa farda, e vai sentar-se ao lado de Schill. Chega um cronista de rádio e começa a falar ao microfone, enquanto os munícipes de Güllen se reúnem. Todos trajando novíssimas galas, todos de casaca. Por toda parte, fotógrafos, jornalistas. cinegrafistas com suas câmaras.)

O LOCUTOR DE RÁDIO

Prezados ouvintes. Depois de nossa reportagem na casa que a viu nascer e a entrevista com o pároco, vamos presenciar urna assembléia do município. Chegamos, assim, ao momento culminante da visita da senhora Zahanassian à sua tão simpática quão aprazível vila natal. A famosa milionária não se acha presente, é verdade, mas o burgomestre deverá fazer, em seu nome, uma importante declaração. Estamos com o nosso microfone instalado no teatro do Apóstolo de Ouro, o hotel no qual Goethe passou uma noite. No palco, que, habitualmente, serve para reuniões de sociedades recreativas e para os espetáculos, que, de onde em onde, vem dar aqui o Teatro de Comédia de Kalberstadt, estão se reunindo os homens. Isso de acordo com uma velha tradição local, ao que acaba de nos informar o burgomestre. As mulheres ocupam a platéia — isso, também, de acordo com a tradição. Atmosfera das grandes solenidades, ansiosa expectativa. Para aqui convergiram os operadores das Atualidades Cinematográficas, bem como os meus colegas da televisão e jornalistas do mundo inteiro. E, agora, o burgomestre vai iniciar seu discurso.

(O locutor leva seu microfone para junto do burgomestre, que está no meio do palco, os homens de Güllen formando semicírculo a seu re-dor.)

O BURGOMESTRE

Dou as boas-vindas à assembléia do município de Güllen. Declaro aberta a sessão. Na ordem do dia: um único item. Tenho a honra de comunicar que a senhora Claire Zahanassian, filha do nosso eminente concidadão, o arquiteto Fritz Waescher, tenciona nos doar a importância de um bilhão. *(Um murmúrio corre pela imprensa.)* Quinhentos milhões para a cidade e quinhentos milhões para serem distribuídos entre todos os cidadãos.

(Silêncio.)

O LOCUTOR DE RÁDIO *(com voz sufocada)*
Momento de grande sensação, prezados ouvintes. Uma doação que, de um só golpe, transforma em pessoas abastadas os habitantes desta pequena cidade e, assim, representa uma das maiores experiências sociais do nosso tempo. Compreende-se que a assembléia esteja como que aturdida. O silêncio é absoluto. Profunda emoção em todos os rostos.

O BURGOMESTRE
Dou a palavra ao diretor do ginásio.

(O locutor de rádio aproxima-se, com o microfone, do professor.)

O PROFESSOR
Cidadãos de Güllen. Precisamos nos dar conta, claramente, de que a senhora Claire Zahanassian visa, com essa doação, a qualquer coisa muito precisa. Que deseja a senhora Zahanassian? Quer encher-nos de dinheiro, cobrir-nos de ouro, reconduzir à prosperidade as Indústrias Wagner, Bockmann, a Fundição Sol Nascente? Sabeis que não é assim. A senhora Claire Zahanassian tem vistas mais elevadas. Em troca do seu bilhão, ela quer justiça, a justiça. Quer que a nossa coletividade viva de acordo com os princípios da justiça. Essa exigência nos deixa assombrados. Com que, então, a nossa coletividade não vivia de acordo com os princípios da justiça?

O PRIMEIRO
Nunca viveu!

O SEGUNDO
Toleramos um crime!

O TERCEIRO
Um erro judiciário!

O QUARTO
O perjúrio

UMA VOZ DE MULHER
A presença de um patife!

OUTRAS VOZES
Apoiado!

O PROFESSOR

Povo de Güllen! Essa a dolorosa verdade: toleramos a injustiça. Reconheço plenamente as possibilidades materiais que o bilhão nos oferece, não me passa, de modo nenhum, despercebido que a pobreza é a causa de tanto mal e de tanta aflição e, contudo, afirmo: não se trata de uma questão de dinheiro *(Aplausos estrondosos.)* Não se trata de bem-estar e de conforto, não se trata de luxo; trata-se de saber se queremos o triunfo da justiça, e não somente da justiça, mas de todos os ideais pelos quais viveram, lutaram e morreram os nossos avoengos e que constituem os valores morais da nossa civilização, da civilização ocidental. *(Aplausos estrondosos.)* É a liberdade que está em perigo, quando se violam os preceitos do amor ao próximo, se menospreza o mandamento de proteger os fracos, se ofende a instituição do matrimônio, se burla um tribunal, se atira à miséria uma jovem mãe. *(Gritos de indignação.)* Precisamos impor os nossos ideais, em nome de Deus e ainda que com sacrifício de vidas. *(Aclamações.)* A riqueza terá um sentido, somente se dela brotar, com abundância, a graça. Mas só é bafejado pela graça quem dela tem fome. Habitantes de Güllen, sentis essa fome do espírito e não somente a outra, profana, a fome do corpo? É essa a pergunta que, na qualidade de diretor do ginásio, desejo formular. Somente não tolerando mais o mal, somente recusando, a todo o preço, viver por mais tempo num mundo da injustiça, é que tereis o direito de aceitar o bilhão da senhora Zahanassian e cumprir a condição, à qual essa doação está ligada. É para isso, povo de Güllen, que peço a vossa reflexão.

(Entusiásticas aclamações.)

O LOCUTOR DE RÁDIO

Essas, senhoras e senhores ouvintes, são as aclamações da assembléia. Estou profundamente emocionado. O discurso do diretor do ginásio testemunhou uma grandeza moral, que, hoje em dia, infelizmente, se tornou bastante rara. Ele denunciou corajosamente toda a sorte de males e injustiças que se verificam, não apenas neste, como, também, em todos os municípios, em toda a parte onde vivem seres humanos.

O BUROOMESTRE

Alfredo Schill.

O LOCUTOR

Agora, é novamente o burgomestre que está com a palavra.

O BURGOMESTRE

Alfredo Schill, devo dirigir-lhe uma pergunta.

(O polícia dá uma cotovelada em Schill. Este se levanta. O locutor de rádio chega com o microfone perto dele.)

O LOCUTOR DE RÁDIO

E, agora, a voz do homem por proposta do qual se constituiu o Fundo Zahanassian, a voz de Alfredo Schill, o amigo de mocidade dá benfeitora. Alfredo Schill é um homem robusto, que orça pelos setenta anos de idade, um rijo güllense de quatro costados, emocionado, naturalmente, mas penetrado de gratidão e de tranqüila satisfação.

O BURGOMESTRE

É a sua pessoa que devemos a oferta da doação. Alfredo Schill. Tem consciência disso?

(Schill diz qualquer coisa em voz baixa.)

O LOCUTOR DE RÁDIO

O senhor precisa falar mais alto, meu velho, para que os nossos ouvintes também possam escutar.

SCHILL

Sim.

O BURGOMESTRE

Está disposto a acatar a nossa decisão sobre a aceitação ou recusa da doação Claire Zahanassian?

SCHILL

Estou.

O BURGOMESTRE

Alguém deseja dirigir alguma pergunta a Alfredo Schill? *(Silêncio.)* Alguém deseja fazer alguma observação a respeito da doação da senhora Zahanassian? *(Silêncio.)* **O** senhor pároco? *(Silêncio.)* O senhor médico municipal? *(Silêncio.)* A autoridade policial? *(Silêncio.)* A oposição política? *(Silêncio.)* Vou proceder à votação. *(Silêncio. Somente o zumbido das câmaras cinematográficas, os flashes dos fotógrafos.)* Todos aqueles que, com coração puro, querem que se cumpra a justiça, levantem o braço.

(Todos, menos Schill, levantam o braço)

O LOCUTOR DE RÁDIO
Silêncio absoluto na sala do teatro. Apenas uma selva de braços erguidos, como uma gigantesca conspiração em favor de um mundo melhor e mais justo. Só o velhote permanece sentado, imóvel, sobrepujado pela alegria. A sua meta foi atingida, a doação, graças à sua generosa amiga da mocidade.

O BURGOMESTRE
A doação da senhora Claire Zahanassian está aceita. À unanimidade. Não pelo dinheiro.

A ASSEMBLÉIA
Não pelo dinheiro.

O BURGOMESTRE
Mas, sim, pela justiça.

A ASSEMBLÉIA
Mas, sim, pela justiça.

O BURGOMESTRE
E por um imperativo da consciência.

A ASSEMBLÉIA
E por um imperativo da consciência.

O BURGOMESTRE
Porque não podemos viver, tolerando entre nós um crime.

A ASSEMBLÉIA
Porque não podemos viver, tolerando entre nós um crime.

O BURGOMESTRE
Que devemos extirpar.

A ASSEMBLÉIA
Que devemos extirpar.

O BURGOMESTRE
Para não causar dano às nossas almas.

A ASSEMBLÉIA
Para não causar dano às nossas almas.

O BURGOMESTRE
E aos nossos bens mais sagrados.

A ASSEMBLÉIA
E aos nossos bens mais sagrados

SCHILL *(num grito)*
Meu Deus!

(Todos estão em pé, com o braço solenemente erguido, mas o fato é que houve um enguiço na filmagem das Atualidades Cinematográficas.)

O CINEGRAFISTA
Sinto muito, senhor burgomestre, mas a iluminação pifou. Outra vez o final da votação, por favor, sim?

O BURGOMESTRE
Outra vez?

O CINEGRAFISTA
Para as Atualidades Cinematográficas.

O BURGOMESTRE
Pois não, naturalmente.

O CINEGRAFISTA
O refletor está em ordem?
UMA VOZ
Tudo a postos.

O CINEGRAFISTA
Então, vamos lá.

(O burgomestre retoma a pose.)

O BURGOMESTRE
Todos aqueles que, com coração puro, querem que se cumpra a justiça, levantem o braço. *(Todos levantam o braço.)* A doação da senhora Claire Zahanassian está aceita. À unanimidade. Não pelo dinheiro.

A ASSEMBLÉIA

Não pelo dinheiro.

O BURGOMESTRE
Mas sim, pela justiça.

A ASSEMBLÉIA
Mas, sim, pela justiça.

O BURGOMESTRE
E por um imperativo da consciência.

A ASSEMBLÉIA
E por um imperativo da consciência.

O BURGOMESTRE
Porque não podemos viver, tolerando entre nós um crime.

A ASSEMBLÉIA
Porque não podemos viver, tolerando entre nós um crime.

O BURGOMESTRE
Que devemos extirpar.

A ASSEMBLÉIA
Que devemos extirpar.

O BURGOMESTRE
Para não causar dano às nossas almas.

A ASSEMBLÉIA
Para não causar dano às nossas almas.

O BURGOMESTRE
E aos nossos bens mais sagrados.

A ASSEMBLÉIA
E aos nossos bens mais sagrados.

(Silêncio.)

O CINEGRAFISTA *(em voz baixa)*
Senhor Schill! Como é? *(Silêncio. Decepcionado.)* Bem, então nada. Pena, porém. Aquele "Meu Deus" de alegria era formidável.

O BURGOMESTRE
Os senhores da imprensa, rádio, televisão e cinema estão convidados para uma pequena ceia. No restaurante. É conveniente que deixem o teatro, passando pela porta da caixa. Para as senhoras, será servido um chá no jardim do Apóstolo de Ouro.

(O pessoal da imprensa, rádio, televisão e cinema encaminha-se para o fundo e sai. Os homens de Güllen permanecem imóveis no palco. Schill levanta-se, faz menção de ir embora.)

O POLÍCIA
Fique ai! *(Força Schill a sentar-se.)*

SCHILL
Querem que seja ainda hoje?

O POLÍCIA
Naturalmente.

SCHILL
Pensei que seria melhor, talvez, na minha casa.

O POLÍCIA
Vai ser aqui mesmo.

O BURGOMESTRE
Não está mais ninguém na platéia?

(O Terceiro e o Quarto olham lá para baixo.)

O TERCEIRO
Ninguém.

O BURGOMESTRE
E nas galerias?

O QUARTO
Completamente vazias.

O BURGOMESTRE
Então, fechem as portas. Ninguém deve mais entrar na sala.

(Os dois vão até a platéia.)

O TERCEIRO
Fechei.

O QUARTO
Fechei.

O BURGOMESTRE
Apaguem as luzes. O luar penetra através da janela das galerias. É o suficiente.

(A cena fica às escuras. À débil luz do luar, os homens de Güllen podem ver-se apenas de modo indistinto.)

O BURGOMESTRE
Façam alas.

(Os güllenses fazem duas alas, ao fundo das quais se encontra o ginasta, agora trajando elegantes calças brancas e com uma echarpe vermelha a tiracolo, por cima da camisa de malha.)

O BURGOMESTRE
Senhor pároco, por favor.

(O pároco se acerca lentamente de Schill, senta-se ao seu lado.)

O PÁROCO
Bem. Schill, chegou a sua hora.

SCHILL
Um cigarro.

O PÁROCO
Um cigarro, senhor burgomestre.

O BURGOMFSTRE *(com calor)*
Mas naturalmente. Especial.

(Entrega a cigarreira ao pároco, que a apresenta

a Schill. Este pega um cigarro, o polícia dá-lhe fogo, o pároco devolve a cigarreira ao burgomestre.)

O PÁROCO
Como já disse o profeta Amós...

SCHILL
Não, por favor.

(Schill fuma.)

O PÁROCO
Não está com medo?

SCHILL
Não muito, agora.

(Schill fuma.)

O PÁROCO *(não tendo outro remédio)*
Vou rezar pelo senhor.

SCHILL
Reze pelo povo de Güllen.

(Schill fuma. O pároco levanta-se lentamente.)

O PÁROCO
Deus tenha piedade de nós.

(O pároco vai vagarosamente enfileirar-se no meio dos outros.)

O BURGOMESTRE
Levante-se, Alfredo Schill.

(Schill hesita.)

O POLÍCIA
Levante-se, animal. *(Levanta-o à força.)*

O BURGOMESTRE
Cabo Hahncke, contenha-se.

O POLÍCIA
Desculpe, perdi as estribeiras.

O BURGOMESTRE
Venha, Alfredo Schill.

(Schill joga o cigarro no chão, apaga-o, pisando-o com o pé. Depois, vai lentamente para meio da cena, dando as costas para o público.)

O BURGOMESTRE
Avance entre as alas.

(Schill hesita.)

O POLÍCIA
Vamos, ande com isso.

(Schill avança lentamente no meio das duas alas de homens silenciosos. Lá no fundo, encontra pela frente o ginasta. Schill pára, volta-se, vê as duas alas de homens se fecharem impiedosamente sobre ele, cai de joelhos. As duas alas transformam-se num novelo humano silencioso, que se infla, retesa e, lentamente, se abaixa, Da esquerda baixa, chegam os jornalistas. A cena torna a iluminar-se.)

PRIMEIRO JORNALISTA
Que está acontecendo por aqui?

(O novelo humano se desmancha. Os homens vão reunir-se ao fundo, em silêncio. Fica para trás somente o médico, ajoelhado diante de um cadáver, sobre o qual se acha estendida uma toalha de mesa, de xadrez, como as que se usam nos cafés. O médico levanta-se. Guarda o estetoscópio.)

O MÉDICO
Colapso cardíaco.

(Silêncio.)

O BURGOMESTRE
Morreu de alegria.

PRIMEIRO JORNALISTA
Morreu de alegria.

SEGUNDO JORNALISTA
As mais belas histórias são as que a vida escreve.

PRIMEIRO JORNALISTA
Vamos ao trabalho.

(Os jornalistas saem depressa pelo fundo, à direita. Da esquerda, chega Claire Zahanassian. seguida pelo mordomo. Vê o cadáver, pára, depois vai lentamente para o meio da cena, volta-se para o público.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Quero que o tragam aqui.

(Roby e Toby chegam com uma padiola, colocam nela Schill e o levam aos pés de Claire Zahanassian.)

CLAIRE ZAHANASSIAN (imóvel)
Descubra-o. Boby. *(O mordomo descobre o rosto de Schill. Ela o contempla longamente, imóvel.)* Está outra vez como era há muito tempo, a minha pantera preta. Torne a cobri-lo. *(O mordomo torna a cobrir o rosto de Schill.)*

CLAIRE ZAHANASSIAN
Levem-no para o ataúde.

(Roby e Toby levam o cadáver para fora, pela esquerda.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Boby, acompanhe-me ao meu quarto. Mande arrumar a bagagem. Vamos partir para Capri.

(O mordomo oferece-lhe o braço, ela se dirige lentamente para a esquerda, mas pára, antes de sair.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
Senhor burgomestre.

(Do fundo, do meio das fileiras dos homens silenciosos, avança lentamente o burgomestre.)

CLAIRE ZAHANASSIAN
O cheque. *(Entrega-lhe um papel e saí com o mordomo.)*

(Se os trajes cada vez melhores expressaram até aqui, de modo discreto, sem insistência, mas com possibilidades cada vez menores de passar despercebido o bem-estar crescente, se a cena se tornou cada vez mais atraente e se transformou e enriqueceu, subindo na escala social, como se de um alojamento de gente pobre nos tivéssemos mudado, imperceptivelmente, para um moderno e aprazível bairro residencial de cidade, esse crescendo encontra agora, no quadro final, a sua apoteose. Aquele mundo pardacento converteu-se em qualquer coisa cintilante, metálica, transformou-se em riqueza e, agora, desemboca num happy end *universal. Bandeiras, grinaldas, cartazes, luzes de neon enfeitam a renovada estação da estrada de ferro; a tudo isso se acrescentam os habitantes de Güllen, mulheres e homens, trajando vestidos de noite e casacas e que formam dois coros parecidos com os da tragédia grega, não por acaso, mas como para determinar uma posição, tal como se um navio avariado e indo à garra estivesse lançando seu derradeiro apelo.)*

I CORO
Monstruosas são muitas coisas,
Os grandes terremotos,
Montes cuspindo fogo, mares encapelados,
Guerras também,
Tanques que rugem nos campos de trigo
E o fungo, como um sol, da bomba atômica.

II CORO
Mas nada mais monstruoso

Do que a pobreza:
Não sabe aventuras,
Sufoca a desolada humanidade
Nas malhas monótonas
De um dia vazio após dias vazios.

AS MULHERES
Vêem as mães, desesperadas,
Definharem seus seres queridos.

OS HOMENS
Mas o homem
Pensa em revoltas,
Medita traições.

O PRIMEIRO
Vagueia por aí, sapatos rotos,

O TERCEIRO
Cigarro ordinário no canto da boca;

1 CORO
Desertas estão as usinas,
Outrora, ganha-pão.

II CORO
E evitam o lugar os trens fulmíneos.

TODOS
Oh nós ditosos,
SENHORA SCHILL
Para os quais uma sorte benigna

TODOS
Tudo isso mudou.

AS MULHERES
Elegante vestido ora atavia
Nosso corpo gracioso.

O FILHO
Guia o rapaz seu carro tipo esporte,

OS HOMENS
A limusine, o dono da loja.

A FILHA
Corre a moça atrás da bola,
No chão vermelho.

O MÉDICO
Na nova sala, cor verde-claro, de operações, Alegremente opera o cirurgião.

TODOS
Fumega a ceia nas casas.
Contente e bem calçado,
Cada qual saboreia um cigarro melhor.

O PROFESSOR
Sofregamente aprendem,
Os sôfregos de saber.

O SEGUNDO
Tesouros amontoa o industrial dinâmico.

TODOS
Rembrandt sobre Rubens,

O PINTOR
E a arte alimenta os artistas
Fartamente.

O PÁROCO
Rebenta o templo, de tantos cristãos,
No Natal, pela Páscoa bem como Pentecostes.

TODOS
E os trens poderosos,
Nos trilhos que brilham,
Chispando de vila em vila e unindo os povos,
Tornaram a parar.

(Da esquerda, chega o condutor de trem.)

O CONDUTOR DO TREM
Güllen.

O CHEFE DA ESTAÇÃO
Rápido Güllen — Roma, ocupem seus lugares, por favor! Carro-restaurante na cabeça do trem!

(Do fundo, chega Claire Zahanassian na sua liteira, imóvel, como um velho ídolo de pedra, e avança por entre os dois coros, acompanhada pelo séqüito.)

O BURGOMESTRE
Vai partir.

TODOS
Aquela que generosamente nos presenteou.

A FILHA
A nossa benfeitora.

TODOS
Com o seu nobre séqüito!

(Claire Zahanassian desaparece, saindo à direita. Por fim, percorrendo um longo trajeto, os serviçais carregam para fora o ataúde.)

O BURGOMESTRE
Possa ela ser feliz.

TODOS
Leva consigo algo precioso, que lhe foi confiado.

(O chefe da estação dá o sinal para a partida do trem.)

TODOS
Mas roguemos.

O PÁROCO
A Deus.

TODOS
Que proteja, no turbilhão frenético do tempo.

O BURGOMESTRE
O nosso bem-estar.

TODOS
Preserve os nossos bens sagrados,
Preserve-nos a paz,
Preserve a liberdade.
Longe de nós fique a noite,
Nunca mais em sua treva mergulhe esta vila,
Ressuscitada e esplêndida,
Para que felizmente gozemos
A nossa felicidade.

CAI O PANO

POSFÁCIO

A Visita da Velha Senhora é uma história que se passa numa pequena cidade, em alguma parte da Europa central, escrita por alguém que não se distancia, de forma nenhuma, dos seus habitantes e que não tem muita certeza de que procederia de modo diferente deles; o que a história seja a mais, não precisa ser dito aqui nem encenado no teatro, isso vale também para o final. É verdade que, ai, as personagens falam em tom mais solene do que seria natural na realidade e um pouco no rumo daquilo a que se chama poesia, linguagem bonita; mas isso acontece apenas porque os habitantes de Güllen, justamente, se tomaram ricos e, como novos-ricos, falam de modo mais rebuscado. Eu descrevo seres humanos e não títeres, uma ação e não uma alegoria e apresento um mundo e não uma moral, como, de onde em onde, arbitrariamente, me atribuem; chego, mesmo, a não procurar cotejar minha peça com o mundo real, porque tudo isso ocorrerá por si mesmo e de modo natural, enquanto também o público pertencer ao teatro. Uma peça teatral desenrola-se, para mim, dentro das possibilidades do palco e não na roupagem de um qualquer estilo. Quando os habitantes de Güllen se fingem de árvores, não é por surrealismo, mas somente para ambientar num cenário mais poético e, destarte, torná-la suportável, a história de amor, um tanto quanto penosa, que se passa nessa floresta, precisamente a de um velhote que tenta namorar uma velha. Escrevo movido pela confiança, em mim arraigada. que tenho no teatro, no ator. É esse o meu principal estímulo. O que me seduz é o teatro na sua realidade material. O ator não é preciso que interprete muito: apenas um ser humano, somente a epiderme da peça, seu texto, justamente, que, está claro, deve ser apresentado com exatidão. O que entendo dizer é isto: do mesmo modo que um organismo se completa formando sua pele, seja, qualquer coisa de exterior, uma peça teatral se completa mediante a linguagem. O autor fornece

apenas a linguagem. Esta é o seu resultado. Por isso mesmo, também, não se pode ficar trabalhando na linguagem em si, mas tão-somente naquilo que cria a linguagem: os pensamentos, a ação, digamos; na linguagem em si, no estilo, trabalham somente os diletantes. A tarefa do ator, a meu ver, consiste em conseguir novamente esse resultado; aquilo que é arte deve parecer natureza. Se o primeiro plano, que eu forneço, for representado de modo certo, o fundo aparecerá sozinho. Eu não me considero como pertencendo à vanguarda dos nossos dias; certamente, também tenho minha teoria da arte — quanta coisa a gente não acha divertida! — mas guardo-a para mim, como opinião pessoal (mesmo porque, de outro modo, seria obrigado a me guiar por ela) e prefiro passar por um sujeito instintivo e confuso, sem preocupações de forma. Ponham-me em cena um pouco como se encenam as peças populares, tratem-me como uma espécie de Nestroy[7] consciente e alcançarão, assim, o máximo resultado. Limitem-se aos meus achados e não se preocupem com profundidades; prestem atenção a evitar pausas nas mudanças de cena com o pano subido e representem de modo simples também a cena do automóvel — o melhor será um carro de teatro: assentos, volante, pára-choques, e que o carro seja visto de frente, os assentos posteriores mais altos que os dianteiros; mas que tudo isso seja novo, novo como os sapatos marrons, etc. (Esta cena não tem nada a ver com Wilder — por que deveria ter? Exercício dialético para críticos.) Claire Zahanassian não simboliza a justiça nem o plano Marshall ou, sabe-se lá, o Apocalipse; ela é tão-somente o que é, ou seja, a mulher mais rica do mundo, em condições, graças à sua fortuna, de agir corno heroína de tragédia grega, absoluta, cruel, qualquer coisa como uma Medéia. É um luxo que ela se pode dar. A velha tem humorismo e é impossível que isso passe despercebido, pois guarda distância em relação aos homens, como a mercadoria que pode adquirir-se, e em relação, também, a si mesma; possui, além disso, um estranho donaire, um encanto perverso. No entanto, movendo-se fora da esfera da ordem humana, é qualquer coisa imutável, inteiriçada, sem mais possibilidades de desenvolvimento, a não ser para petrificar-se, converter-se num ídolo de pedra. É uma figura poética, bem como o seu séqüito, incluindo, até, os eunucos, que não devem ser apresentados de maneira desagradavelmente realista, com vozes de castrados, mas, sim, de modo irreal, que lembre as fábulas, discreto, dois seres fantasmagóricos em sua felicidade vegetal, vítimas de uma vingança total, que é lógica como os códigos dos tempos bíblicos. (Para facilitar a representação, poderão eles falar revezando-se, em vez de que ao mesmo tempo, mas, nesse caso, sem repetição das falas.) Já que Claire Zahanassian não tem desenvolvimentos, é uma heroína desde o primeiro momento, quem se torna aos poucos herói é o seu antigo amante. Pobre e sórdido merceeiro, cai nas garras dela, sem o saber, logo no começo, e, culpado, é da opinião que a vida se incumbiu sozinha de apagar a culpa: uma figura de homem sem idéias, simplório, em cujo espírito, lentamente, através do medo, do pavor, surge qualquer coisa extremamente pessoal, um homem que experimenta a justiça no seu próprio ser, porque reconhece a sua culpa, e que se agiganta na

morte (a qual não carece de certo caráter monumental). Sua morte é, do mesmo passo, lógica e absurda. Somente lógica seria ela no reino mítico de uma antiga *polis*. Mas acontece que a história se passa em Güllen. Na atualidade. Às voltas com os heróis, estão os habitantes de Güllen, homens como todos nós. Não devem, de nenhum modo, pintar-se como malvados; decididos, de início, a recusar a oferta, é verdade que contraem dividas, mas não com o propósito de matar Schill, senão, apenas, por leviandade, com base no sentimento de que as coisas acabarão se arranjando. É assim que deve encenar-se o segundo ato. Inclusive a cena da estação; o medo está somente em Schill, que compreendeu a sua situação, mas não há nenhuma palavra hostil. É só a cena no palheiro de Peter que traz a reviravolta: não e mais possível escapar ao destino. Desse ponto em diante, preparam-se paulatinamente os habitantes de Güllen para o assassínio, começam a indignar-se com a culpa de Schill, etc. Apenas a família alimenta até o fim a ilusão de que tudo acabará bem; também ela não é malvada, apenas fraca, como todos. Trata-se de um município que, aos poucos, cede à tentação, tal como o professor, mas esse ceder tem de ser compreensível. A tentação é muito grande e a pobreza, muito dolorosa. *A Visita da Velha Senhora* é uma peça má, mas, justamente por isso, não deve ser representada de modo mau, senão, ao contrário, do modo mais humano possível, com tristeza, não com cólera, mas, também, com certo bom humor, pois nada prejudicaria tanto esta comédia, que acaba tragicamente, quanto uma excessiva seriedade.

DÜRRENMATT

NOTAS DO TRADUTOR

1. O sobrenome da protagonista, no original alemão, é Zachanassian. O som *ch* alemão, contudo — como bem sabe quem conhece, por exemplo, o nome do compositor Bach —, não corresponde ao nosso *ch*. mas, antes, ao de um *h* aspirado ou ao do *j* espanhol; por essa razão preferimos grafá-lo Zahanassian. O nome do mais importante dos visitados é, no original alemão, III; julgamos conveniente, no entanto, para facilitar sua pronúncia por parte dos atores, e soa compreensão por parte da platéia, modificá-lo para Schill. Do mesmo modo, por motivo de euforia ou de conveniência teatral, foram modificados, no diálogo, outros nomes de personagens ou localidades.

2. A peça é de 1955. Dai o ano de 1910 corresponder a quarenta e cinco anos antes da data da representação.

3. *Jugendstil* é o nome que recebeu na Alemanha — por motivo da revista

Jugend, de Munique, que o preconizava — aquele estilo arquitetônico do começo do século, que, alhures e conforme o país, se chamou *Art Nouveau. Liberty, Modern Style, Floreal,* etc.

4. Aqui, como pouco mais adiante, quando falará do Aga e de Ali Khan, deve-se novamente lembrar que a peça é de 1955.

5. Realmente, a peça fala em um Messerschmidt, um automovelzinho de três rodas, mais ou menos como o Romi-Isetta existente no Brasil, na década de 50.

6. Poeta austríaco, nascido em 1805 e falecido em 1868. Autor, entre outras obras, do romance Nachsommer *(Veranico),* que foi recebido como uma espécie de *Wilhelm Meister* austríaco, e dos contos *Studien (Estudos),* caracterizados por um sentimento da natureza entre o lírico e o fantástico.

7. Johann Nestroy, ator e autor austríaco do século passado (1802-1862). Era popularíssimo e deve-lhe o teatro vienense uma série de farsas endiabradas, de uma extraordinária *vis comica* verbal, e algumas paródias famosas, tal como uma de *Judite e Holofernes.* É de sua autoria, entre outras, a comédia *Einen Jux will er sich machen* que Thornton Wilder quis adaptar recentemente, ao escrever *The matchmaker*.